

Directora: **Nassalete Miranda**
14 Agosto de 2012
Nº 80 | Preço: 2 euros
Quinzenalmente às quartas

AS ARTES ENTRE AS LETRAS

EMNOTÍCIA // PÁG. 22

«Memória da luz
e outros poemas»

APRESENTADO A 24 DE AGOSTO,
ÀS 18H30, NO CASINO DA FIGUEIRA DA FOZ



ARTE // PÁG. 13



Rosa. Pereira

A força da cor
para além da forma

Óleo sobre tela, 2012

LITERATURA // PÁGS. 4 e 5

Lêdo Ivo
Antologia Poética

POR **EUGÉNIO LISBOA**

HISTÓRIA // PÁGS. 8 e 9

**A celebração
de Aljubarrota**

POR **CRISTINO CORTES**

HISTÓRIA // PÁGS. 10 e 11

«A reconquista
de Olivença»

POR **ASCÊNCIO DE FREITAS**

CONTO INÉDITO // PÁG. 18

**O homem que
queria ser cão**

POR **ANTÓNIO OLIVEIRA**
ILUSTRAÇÃO **ARTUR MOREIRA**



SingularPlural, Arte & Comunicação, Unipessoal Lda.
Capital Social: 5.000 €
Número de Certidão: 0232-6801-3200
Conservatória do Registo Comercial de Vila Real

AS ARTES ENTRE AS LETRAS
Praceta Eng.º Adelino Amaro da Costa, 764 - 9.º Esq.
4050-012 Porto
Telefone e Fax: 22 606 35 56
Telemóvel: 91 803 56 76
E-mail: singplural@gmail.com

Publicidade
Praceta Eng.º Adelino Amaro da Costa, 784 - 9.º Esq.
4050-012 Porto
Telefone e Fax: 22 606 35 56
Telemóvel: 91 803 56 76
E-mail: singplural@gmail.com

FICHA TÉCNICA

DIRECTORA: Nassaete Miranda
EDITORIA: Isabel Fernandes
FOTOGRAFIA: Ângela Velhote
DIRECÇÃO COMERCIAL: Maria José Guedes
GRAFISMO: Pedro Cunha
PAGINAÇÃO: Pedro Cunha
SITE: Criação no âmbito do projecto desenvolvido no ISLA por Joaquim Jorge Santana Oliveira
CONTACTOS: Praceta Eng.º Adelino Amaro da Costa, 764 - 9.º Esq. | 4050-012 Porto
Telefone e Fax: 22 606 35 56
Telemóvel: 91 803 56 76
Email: artesentreltras@gmail.com
REGISTO NA ERC
125685
IMPRESSÃO
Selector - Artes Gráficas, LDA
Rio Tinto - Telef: 22 485 42 90
DISTRIBUIÇÃO
VASP - MLP, Media Logistics Park, Quinta do Grajal - Venda Seca 2739 - 511 Aqualva Cacém
Telef: 21 433 70 00
PONTOS DE VENDA
contactcenter@vasp.pt
Telef: 80820655 - Fax: 80820613
PROPRIEDADE:
Singular Plural
NIF
509578942
TIRAGEM
1250 exemplares
Interditada a reprodução, mesmo parcial, de textos, fotografias ou ilustrações sob quaisquer meios, e para quaisquer fins, inclusive comerciais

CONSELHO EDITORIAL

Amaldo Saraiva | Agustina Bessa-Luis
António Vitorino d'Almeida | António Joaquim Oliveira
Carlos Fiolhais | Francisco Laranjo
Francisco Ribeiro da Silva | Helder Pacheco
José Atalaya | José Rodrigues
Levi Guerra | Lúcia Jorge
Luisa Dacosta | Manoel de Oliveira
Mário Cláudio | Miguel Veiga
Óscar Lopes | Salvato Trigo
Urbano Tavares Rodrigues | Isabel Ponce de Leão

COLABORADORES ESPECIAIS

Adelto Gonçalves | António José Queiroz
Armando Alves | Carlos Cabral Nunes
Carlos Vaz | Cristino Cortes
Domingos Lobo | Eugénio Lisboa
Francisco d'Eulália
João Medina | Jorge Sanglard
J. Esteves Rei | Lauro António
Manuel Sobrinho Simões | Maria Antónia Jardim
Paulo Ferreira da Cunha | Ramiro Teixeira
Rodolfo Alonso | Rudesindo Soutelo

PARCERIAS



APOIOS



Nassaete Miranda
directora

Entre Sentidos

Vontade de sonhar!
Vando desde 1 de Agosto a “acordar com vontade de sonhar” durante umas horas (apenas durante umas horas), com um País de sol e mar, de serra e rio, de maravilhas mais do que sete, de gente que se respeita e é solidária, de autarcas e de empresários que sabem que a contenção não passa por anular assinaturas de jornais de 50 e 100 euros anuais, e não me deixam! Já “esqueci” o relógio em casa, para ver se encontrava essas horas e... nada!

Insistem em invadir os meus dias com fotos de péssimo gosto, como as que mostram o casal Passos Coelho a segurar sacos de plástico, certamente com compras feitas num supermercado qualquer, com ar comum, de portugueses comuns, de férias “comunitárias” no Algarve! Também dispenso as que mostram o casal a sair do seu banho de mar. Por favor, não! Quero um Agosto sem ter de ver sempre as mesmas imagens: os políticos de calções, com ar bronzeado, espalmados nas espreguiçadeiras das praias do Minho e do Algarve! Mas há mais e muito pior: ainda os submarinos não estão a navegar em águas limpas e eis que chegam os helicópteros igualmente poluídos de milhões de Euros. Assim, Portugal terá realmente

dificuldade em respirar! Agora são as Fundações. Mais de 800! Quantos de nós andamos há anos a alertar para a “negociata” de certas fundações. Nada foi feito, antes pelo contrário, cada vez nasceram mais e mais subsidiadas pelos dinheiros públicos. Exemplo, a famigerada Fundação Magalhães, a dos computadores para as escolas, criada pelo Governo Sócrates. São muitos milhões, meus senhores!

E depois, bem, depois talvez chegue a vez de alguém observar os 119 Observatórios que existem no País. Há alguns curiosos, como os do emprego e o português para o desemprego, e ainda cinco para observar a saúde, um nacional para a dança, há o da qualidade (não se sabe de quê), e o da quantidade (não se sabe para quê), mais um para o fogo, um para as cheias e outro para as secas...!!!

Eu quero é mesmo sonhar! E vou!
Entretanto, desejo a todos boas leituras em artes feitas.

NOTA

O jornal As Artes entre As Letras, que ainda não adoptou o novo Acordo Ortográfico, publica textos de colaboradores que o aplicam, respeitando, assim, o original.

ENTRENÓS

Arte em pastelaria tradicional

«A Serrana» é um estabelecimento comercial do Porto. Uma pastelaria com fabrico próprio, muito conhecida pelas bolas de Berlim, que se situa na Rua do Loureiro, perto à Estação de São Bento. Mas não são as especialidades que ali se comem que têm sido notícia nos últimos tempos... são as obras de arte que ali se podem apreciar. Concretamente uma tela do pintor Acácio Lino datada de 1912. O autor da obra, natural de Amarante, formou-se na antiga Escola de Belas-Artes do Porto (actual Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto) e foi um dos grandes nomes saídos dessa instituição de ensino. Um dos responsáveis pela decoração do Teatro Nacional S. João do Porto, tem obra em instituições de referência no panorama nacional. Foi a própria proprietária do espaço que deu a conhecer esse facto com a intenção de promover as visitas não só à sua casa, mas às outras, tentando devolver àquela zona da Invicta o movimento de



outros tempos. Há já uma guia que inclui a visita à pastelaria no programa turístico que oferece aos visitantes do Porto. À tela que se encontra no tecto, fazem companhia esculturas que adornam o primeiro piso do edifício da autoria do escultor José de Oliveira Ferreira e o próprio espaço cuja arquitectura é assinada por Francisco de Oliveira Ferreira - os dois irmãos são igualmente antigos alunos da mesma Escola do Porto.



**Guilherme
d'Oliveira Martins**
presidente do CNC

«A Anunciação a Maria» de Paul Claudel (1868-1955), traduzida para português por Sophia de Mello Breyner Andresen (Aster, 1960), é na produção do dramaturgo francês uma obra dramática considerada muito significativa, não apenas por ser emblemática no pensamento do autor, mas por encerrar uma forte tensão teatral, na qual o mistério do sagrado entra em diálogo direto com as angústias e as incertezas do mundo da vida. Dir-se-ia que estamos no âmago do teatro medieval, em que o sagrado e o profano se entrecruzam num paradoxo permanente.

UM TEMA DIFÍCIL

- A primeira versão da peça é do ano de 1892, sob o título «La Jeune Fille Violaine», tendo sido objeto de diversas versões e em 1912 com o título que viria a consagrá-la talvez como obra-prima do escritor. Em 1947 foi reescrita e apresentada na versão definitiva que conhecemos. E se pomos dúvida sobre o facto de ser a obra maior de Claudel, tal deve-se à circunstância de ombrear com «Jeanne d'Arc au bûcher» (1953), celebrizada pela obra musical homónima de Arthur Honegger, realizada com base no libreto do dramaturgo. Como afirmou Alceu Amoroso Lima (Tristão de Athayde): «Em Claudel, a ação é o fruto da contemplação, que conserva ontologicamente o seu primado, como o lirismo conserva também a supremacia, ao longo de toda a parábola dramática claudeliana». Antes de tudo, há uma história de ciúme entre Mara e a sua irmã Violaine. Esta está noiva de Jacques Hury, que Mara ama em segredo. O pretexto para a intriga amorosa é um beijo, de compaixão e amor, que Violaine troca com Pierre de Craon, arquiteto das grandes catedrais, que alimentara um amor antigo pela jovem de quem agora se despede, e que contrairá a mais terrível das doenças do tempo, a lepra. Por esse ato de genuína consagração, Violaine contrai a lepra e torna-se indesejada, até por Jacques. Mara contrai matrimónio com este, mas eis que morre o filho de ambos, o que a leva, em desespero, numa noite de Natal, a ir ter com Violaine, que vive numa caverna, dedicada à oração, afastada dos povoados pela doença. Mara tenta, num ato de quase loucura, a intercessão de Violaine para que um milagre possa salvar o pequeno. E a verdade é que as preces de Violaine permitem fazer regressar o filho de Mara à vida. Mas esta não suporta esse dom magnífico e mata Violaine, não sem que esta consiga para a irmã a Graça do perdão do pai e do marido. Tudo, enquanto, inexplicavelmente, Pierre Craon fica curado da lepra. E Mara consegue finalmente a paz de consciência, o que acontece ao som do Angelus - o Anjo do Senhor veio anunciar a grande notícia a Maria. Estamos perante o tema sublime da posse de uma Alma pelo sobrenatural.

ENTRE O SAGRADO E O PROFANO - Claudel foi diplomata, com uma carreira brilhante, em Praga, Francoforte, Hamburgo, Xangai, Rio de Janeiro, Copenhaga, Tóquio, Washington e Bruxelas, irmão de Camille, a grande discípula e favorita de

Rodin, viveu um dilacerante drama familiar, que culminaria na declaração da loucura da grande escultora. Apesar de consagradíssimo, Claudel viveu a angústia existencial, que o levou a assumir a sua «arte poética» como um condomínio permanente entre o pecado e a Graça, tornando-se um seguidor dos caminhos de Dostoievski. Longe de certezas ou de uma paz de espírito que alguns julgaram ver nele, como um facto redutor de uma autêntica capacidade dramática, Claudel deve ser relido nos dias de hoje, menos no contexto de algumas ambiguidades políticas, ligadas ao tempo da guerra, e mais na intensidade dramática que o aproxima de Bernanos - ele também profundamente marcado pelas contradições de um momento de traições, que só o largo prazo veio a esclarecer. Como disse Maria de Lourdes Belchior, num ensaio luminoso sobre Claudel: «É impossível ter acesso ao teatro de Claudel se não concebemos o homem como criatura que vive sobre a terra a aventura da Graça. Impossível vislumbrar o significado da sua obra se não tivermos em mente que, para Claudel, tudo é figura ou sinal de Deus. E que à decifração da linguagem de Deus incarnada na criação e na história consagrou a sua obra. A mesma obsessão já assinalada se exprime, ao longo dos anos; "il n'y a pas un univers religieux et un univers profane. Il n'y a qu'une seule Révélation, transcrite en un langage innombrable, continue et reciproquement traduisible" (Présence et Prophétie)». A vida faz-se entrelaçando sempre o religioso e o profano, uma vez que o mundo é feito de imperfeições e contradições, de dúvidas e de certezas (cuja importância relativa inverte constantemente posições relativas). A busca de verdade encerra tantas vezes a violência e a necessidade de a limitar e de a pôr ao serviço do amor - nessa verdadeira «con-naissance», que é nascimento com. A relação entre Violaine e Mara é bem ilustrativa das contradições e dos paradoxos, por todos vividos. Se João Bigotte Chorão nos diz que, para Claudel, a visão cósmica e solar fazia esquecer o drama individual e noturno, hoje sabemos que talvez não seja exatamente assim. Tantas certezas que Claudel parecia ter são postas em causa, a cada passo, quando sentimos que muitos dos seus dramas íntimos, que nos anos cinquenta não transpareciam, tornaram-se hoje explicação para o modo como o poeta e dramaturgo usa de uma inesperada violência como expressão da Graça. E, premonitoriamente, Eduardo Lourenço percebeu-o bem ao citar a epígrafe de Claudel: «Ce qui

ouvre le mur de Dieu, ce n'est point le lance, mais le cri d'un coeur affligé, car le royaume de Dieu souffre violence». Muito antes de lermos René Girard, podemos perceber que em Claudel há sempre um combate escondido entre as dimensões sagrada e profana, entre a paz e a violência, entre a vocação divina e humana da Encarnação. «A fulgurante solução mística não obtura nem dissolve o enigma (diz Eduardo Lourenço). Multiplica-o, num processo que é menos o da Eternidade que o da Poesia claudeliana, como assunção redentora da Paixão humana. (...) A violência da Graça corresponde à violência deste amor desesperado recusando a evidência da Morte».

SOPHIA PRÓXIMA E DISTANTE - É especialmente interessante verificar o entusiasmo posto por Sophia de Mello Breyner nesta tradução. Sente-se a proximidade do artista de «Arte Poética», numa fase da criação da autora de «Mar Novo», em que ouvimos, com a nitidez própria de uma palavra límpida, a compreensão da incerteza e da violência da injustiça. «Esta é a noite / Densa dos chais / Pesada de amargura / Este é o tempo em que os homens renunciam». Longe de qualquer busca de doçura, o que há, sim, é a permanente demanda de uma vida de drama, de dúvida e de contradição. Tomé e Pedro estão sempre presentes, antes e depois de pôr a mão na ferida aberta ou de ouvir o galo cantar, sempre perante o medo terrível que leva Mara ao ato de desespero. «Aquele que partiu / Precedendo os próprios passos como um jovem morto / Deixou-nos a esperança». É aqui que a poética de Sophia se aproxima e se afasta de Claudel. Aproxima-se porque há esta busca silenciosa da esperança no equilíbrio da palavra e da justiça, nunca a confusão com qualquer certeza intolerante. Mas distancia-se, uma vez que não pode haver qualquer ambiguidade na luta agónica. Violaine é símbolo, a um tempo, da incerteza e da força, num gesto inusitado e necessário do beijo ostensivo ao leproso. Mara e Violaine são manifestações contraditórias da consagração, num mundo de imperfeições e dramas, marcado pela espada inexorável da tragédia. Como escreverá Claudel no pórtico de «Le Soulier de Satin», em português: «Deus escreve direito por linhas tortas».

NOTA

Texto publicado ao abrigo da parceria estabelecida entre AS ARTES ENTRE AS LETRAS e o Centro Nacional de Cultura



Eugénio Lisboa
escritor

Lêdo Ivo

Antologia Poética

Li o primeiro livro deste meu amigo, só em 1980, quando o go-between inevitável, que dá pelo nome de Luis Amaro, teve a benfazeja ideia de me pedir que fizesse, para a *Colóquio/Letras*, uma recensão crítica de um livro que se chamava - e ainda se chama - *Confissões de um poeta*. O autor era Lêdo Ivo, que virá mencionado, muitos anos antes, pela primeira vez, por esse homem bom, culto e tolerante, que se chamou António Quadros. *Confissões de um poeta* impressionou-me - e ainda hoje me impressiona - profundamente. Chamei-lhe, na altura, “um *pot-pourri* de grande classe”, porque o livro não cabia em nenhum género literário definido: participava de memorialismo, do ensaio, da poesia, da ficção, do que desse na real gana do seu autor. Era um bom exemplo do que pode produzir o saudável e vigoroso “Je m'en fiche” do autor de *As Imaginações*. *Confissões de um Poeta* revelava-me, quase com displicência e grande desenvoltura, um grande escritor e um homem de veemente autonomia pensante. Foi, para mim, uma festa e, já agora, deixem-me confessar com aquele “*franc parler*”, que Stendhal tanto prezava, foi também uma suculenta vingança: encontrava ali, em vigorosa e castigada escrita, aquele saboroso e fecundante ensaísmo, inteligente, sensível, capitoso, revigorante, culto, mas não pedante, que tão pouco costuma visitar estas praias lusitanas, mais acostumadas a favorecer o opaco contentinho, o pretensioso parolo e o rebuscado apeteçido pelas sabichonas de Molière.

Confissões de um poeta passou a constituir, para mim, um clássico de mesa de cabeceira. E Lêdo Ivo, um amigo sempre à mão de semear. Bem haja, Lêdo Ivo!

Mas estamos aqui hoje a apresentar a poesia de Lêdo Ivo, por eficaz intermédio de uma antologia congeminada, com admiração e carinho, por um grande poeta português, Albano Martins. É, como disse, uma substancial recolha que abrange um total de 204 poemas oriundos de 21 livros, um dos quais, inédito.

A atenção aos prestígios e à magia da linguagem, foi precoce, no autor de *Acontecimento do soneto*. Ele próprio o diz, em mais de um local e também no soberbo prefácio que escreveu para este livro, o qual torna perfeitamente inútil esta apresentação que aqui faço: “Aquele que desde a meninice desejava ser poeta se rendeu à evidência de que a criação poética correspon-

de à conquista e à utilização de uma magia verbal - a um uso supremo da linguagem”. E num ponto das *Confissões*, assevera: “A poesia terminou por se impor em mim como uma operação verbal destinada a ocultar a vida pessoal, gerando uma mitologia particular que substitui a verdade trivial da existência”. E esta verificação da importância eminente da linguagem leva-o até, em certa passagem das referidas *Confissões*, a especular com não pouca auto-ironia: “E se eu, em meus livros, nada dissesse? Penso na eficácia de uma linguagem que fosse a majestosa e límpida celebração do nada”.

Tem sido dito, até à exaustão, tanto da Geração de 45, no Brasil, como da Poesia 61, em Portugal, que estes movimentos se caracterizam por uma especial atenção à linguagem e à arte literária ou poética. Creio que se trata de um rotundo disparate. Não foi preciso aparecerem os brasileiros de 45 nem os portugueses de 61 para se descobrir uma pólvora há muito descoberta, mesmo sem necessidade da ajuda dos chineses. A descoberta da importância da linguagem e da arte poética, em literatura, não é pertença privilegiada de geração nenhuma, brasileira, ou portuguesa, ou francesa ou alemã. Todos os grandes poetas de todas as nações e de todos os tempos não fizeram, nem fazem, nem farão outra coisa que não seja, como indicava Valéry, hesitar prolongadamente entre o som e o sentido. Não há, repito, gerações que privilegiadamente se apropriem dessa consciência de um uso especial que, da linguagem, faz o poeta: para explorar, com eficácia, os seus e os nossos assombros. Tal sintonia, tal empatia, tal atenção quase perversa consagradas à palavra é que terão levado Lêdo Ivo à afirmação belamente extremista e deliberadamente provocante, que recolho, mais uma vez, das suas admiráveis *Confissões de um poeta*: “A palavra camélia é mais bela que a flor”. Esta atenção intensa à linguagem, à sua magia, e aos seus fascinantes desvios - é a regra. A excepção é, ocasionalmente, o seu desleixo, sempre punido, da parte de um ou outro poeta ou movimento, que achem, por razões de uma ou outra natureza, que a arte é menos importante do que a mensagem, ou seguindo ainda a formulação de Valéry, que o sentido prevalece sobre o som. Mas isto, repito, é a excepção e não a regra. O perigo vem, precisamente de outro lado: de o equilíbrio subtil entre o teor de sentido e o teor de som se rom-



per: de se ficar tão olímpicamente fascinado pela beleza da linguagem, que se chega a esquecer o ponto de aplicação dela - para quem serve. E teremos então poesia sobre poesia e poetas a falar de poetas que falam de poesia sobre a poesia e a bem da poesia. Contra esta praga, que também afligiu a sua geração, se ergueu, desde logo Lêdo Ivo. Não resisto a dar-vos aqui uma passagem vingadora, do poeta Lêdo Ivo, a propósito desta poesia desencorpada, autófaga e assexuada, que a si própria se venera, alienada do mundo, da natureza e dos apetites: “Na literatura brasileira,” diz Ivo, “ninguém caça, ninguém pesca, ninguém come, ninguém vive. É uma literatura livresca, que só sabe respirar o ar abafado dos livros. Nos suplementos, acumulam-se os artigos sobre as novidades literárias, numa fatigante e melancólica uniformidade só interrompida pela ilha negra do artigo a respeito de algum confrade morto. A experiência pessoal não figura nessa literatura que, assentada na paráfrase e na paródia, ignora a vida e a realidade não-livresca, não sabe fazer a leitura do mundo”.

Nobre e vigilante artesão do verbo que se faz carne, Lêdo Ivo despreza a literatura de literatos para literatos e mergulha a sua oficina requintada mas também desenvolta no húmus espesso da vida, com tudo quanto tem de sublime e



de sórdido. A todos aqui presentes, hoje, vivamente recomendo a leitura e releitura da co-movente e iluminadora passagem do seu prefácio à antologia que hoje inicia o seu percurso em Portugal, na qual nos desvenda o momento em que se iniciou a sua aprendizagem da poesia. Reza assim: “Naquele momento [em que leu Rimbaud e descobriu a *linguagem*] aprendi que a poesia é filha da realidade e da materialidade e impureza do mundo visível, mas só através da criação poética o mundo pode ser desvelado. Aos poetas, como aos demais criadores, cabe a tarefa ou a missão de proceder à visibilidade do universo. A poesia é uma arte de ver - de ver e saber ver o que, mesmo sob os nossos olhos, só pode ser distinguido pelo uso e iluminação da linguagem. O silêncio dos meninos maltrapilhos [do poema de Rimbaud] contemplando o nascimento do pão em uma padaria guardava ao mesmo tempo o horror e o deslumbramento da vida. Era o silêncio dos seres sem linguagem, que só podem exprimir-se através dos poetas, daqueles que sabem ver tanto o mar «*in-fusé d’astres, et lactescente/Devorant les azurs verts*» como a Clara Venus «*Belle hideusement d’un ulcère à l’anus*». A estética da beleza e a estética da fealdade - o belo e o horrendo, o harmonioso e o disforme - devem formar a totalidade de uma visão empenhada em celebrar o

universo”. Ao poeta compete - até porque tem a competência que lhe dá o domínio do verbo - entre outras coisas, dar voz ao “silêncio dos meninos maltrapilhos”: os dos versos de Rimbaud e os outros. O poeta dispõe de uma terrível arma ofensiva: a palavra. Por isso, o autor de *Crepúsculo Civil* diz como quem avisa: “Sou um poeta: as palavras me obedecem”. O poeta, municiado como está, dá vida ao silêncio, à indignação, ao amor, à felicidade, à frustração, ao sublime e ao sórdido. Dá vida: é essa a sua função. Por isso afirma com altivez: “Uma obra viva será aquela que transforma em autobiografia e confissão até as pedras da rua”. A consciência deste poder não está dentro do poeta desde sempre: é uma consciência que se vai ganhando e fortificando, o poder de afronta e ultraje cresce com os anos, como crescem todos os outros poderes que o habitam.

Grande poeta, mas, também grande ensaísta, Lêdo Ivo *lê-se* e perscruta-se, como ninguém, por isso repito, acrescentando-a, uma passagem que já atrás citei: “Aquele que desde a meninice desejava ser poeta se rendeu à evidência de que a criação poética corresponde à conquista e à utilização de uma magia verbal e um uso supremo da linguagem. O estudo da retórica poética [que, diga-se, de passagem, poucos ditos poetas têm feito] lhe transmitiu a convicção de que o poeta, essa criatura tão ciosa de sua identidade, ao produzir a sua obra, tem a liberdade de um jogador de futebol ou de xadrez. Ela, a poesia, é construção e arquitectura. Ordem e desordem, razão e desrazão, contenção e transbordamento, rigor e desrigor, a Poesia é a arte de fazer versos, ou de saber fazer versos - é o exercício de uma competência e obedece a leis secretas (ou a uma única Lei) como o mundo em que vivemos, com as suas estações, a noite e o dia, a vida e a morte, o amor e o ódio (...). Guiava-me a convicção de que a criação poética é uma aventura individual e intransferível, a elevação de uma voz inconfundível e quase sempre efémera na escuridão do mundo. As tribos literárias nunca me seduziram”. A mim também não, meu caro Lêdo Ivo. E é por nem eu nem Você pertencermos a qualquer tribo que aqui estou a dizer-lhe, comovido, quanto o admiro. Comovido, mas a esconder, galhardamente, a emoção, porque gosto de seguir o sempre avisado conselho desse sedutor Oscar Wilde, segundo o qual, a melhor maneira de não envelhecermos é não termos emoções que nos assentem mal.

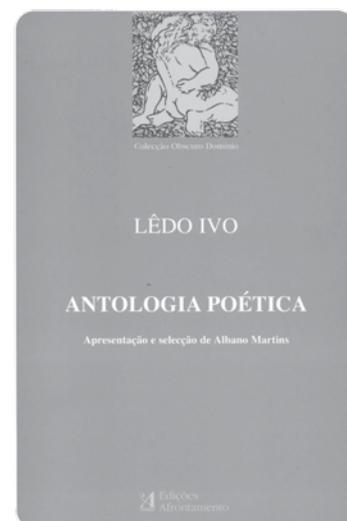
Resta-me louvá-lo por uma obra intrépida, lavada, autónoma e bela, mas mergulhando as mãos na massa compósita da condição humana e sabendo mandar bugiar, quando necessário, os clichés de serviço e as abjectas modas e

“rupturas” com que se enfeitam e se entretêm as duvidosas vedetas do momento. “O importante”, diz Você, no saboroso prefácio desta antologia, “é que o escritor ou poeta projecte em sua obra a sua experiência, aquilo que Ruben Dário chama de «o tesouro pessoal». E converte essa experiência numa linguagem inconfundível. Numa linguagem encantatória.” Encantatória, sim, digo eu, e, quando necessário, desbocada. Como a desta sua escarolada “arte poética”, feita para mandar à pata que os pôs todas as artes poéticas que por aí mais ou menos suspiram e razoavelmente mentem:

O Lugar Indicado

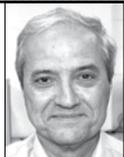
Qual o melhor lugar
para escrever um poema?
Na Capela Sistina?
Na Muralha da China?
À beira da piscina?
Escutando a turbina
do jato na neblina?
Vendo numa vagina
um campo de boninas?
Ou, como um rei, sentado
na plácida latrina?

Quem assim fala não é gago. Ao poeta, as palavras obedecem. E o pudor não é de rigor. Poesia pode bem rimar, de vez em quando, com ribaldaria. Do que precisamos é, na escrita, como em tudo, de muita alegria. Alegria da escrita, que bem nos cura de outras tristezas. Alegria, que rima tão bem com alquimia, melodia, anarquia, cotovia, energia, iguaria, melancia... Bem haja, Lêdo Ivo!



NOTA

O texto acima publicado é uma versão *abrégée* do texto lido na apresentação do livro, no Porto.



Adelto Gonçalves
escritor



Lêdo Ivo, poeta e traçador de perfis

Lêdo Ivo (1924) é, acima de tudo, poeta. Mas também é romancista e memorialista de incontáveis méritos. Mais: trata-se de um irretocável traçador de perfis. É o que o leitor pode constatar em *O Vento do Mar* (Rio de Janeiro, Editora Contracapa/Academia Brasileira de Letras, 2011), livro que celebra os seus 87 anos de idade e pelo menos 70 de vida literária intensa, como atesta a vasta iconografia que, ao longo destas páginas, registra seu percurso poético, suas viagens e participações em festivais de poesia, resultado de um reconhecimento mundial a sua obra. E cujo cume talvez tenha sido em 2008, quando o *Encuentro de Poetas del Mundo Latino*, realizado nas cidades de Morelia e Pátzcuaro, no Estado de Michoacán, no México, homenageou especialmente a sua obra.

Com pesquisas, seleção e organização de Monique Cordeiro Figueiredo Mendes, este livro reúne não só os melhores perfis escritos por Lêdo Ivo - que, no fundo, constituem capítulos da história da Literatura Brasileira do século XX - como boa parte de sua reflexão ensaística, além de uma antologia poética, «Os Sinos de Maceió», em que o poeta celebra a sua cidade natal, o seu mar, seus navios, ventos e marés, ruas tortas e antigas, o farol desaparecido, os caranguejos dos mangues, os morcegos, as lagunas, o mormaço - sempre o mormaço... - do porto.

Dos perfis que traça - graças ao convívio que manteve com a maioria das grandes figuras literárias do Brasil recente -, um se destaca: é o que faz de Afonso Arinos de Melo e Franco (1905-1990). Professor de Direito, jurista, constitucionalista, embaixador, ministro de Estado, parlamentar, viajante que tanto amara Roma, a ponto de escrever um livro que tem por título *Amor a Roma* (Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1982), Arinos era também poeta bissexto, que, segundo Lêdo Ivo, conciliou deveres e paixões da atração política e partidária e um trabalho intelectual contínuo e infatigável, como provam as milhares de páginas que deixou.

Hoje, já não se vê figuras assim na cena política brasileira, tal o nível de esterco a que chegou essa atividade no País. Se se permite um testemunho pessoal, este articulista confirma que Arinos, praticamente, levou até o fim da vida o hábito de se encontrar com o editor José Olympio, em seu escritório em Botafogo, na sede da editora, pois conversou com ambos lá em 1980. Lêdo Ivo recorda-se de um encontro desses ocorrido em 1957, a propó-

sito de lembrar que, àquela época Arinos deixara o seu gabinete de letrado para subir na carroceria de um caminhão com o objetivo de angariar votos nos bairros e subúrbios cariocas e derrotar o populismo de João Goulart (1919-1976) e Leonel Brizola (1922-2004). Em 1986, já de cabelos encanecidos, Arinos não precisaria sequer sair de casa para garantir uma cadeira no Senado, pois só a força de seu nome seria suficiente para tanto.

Outro perfil irretocável é o que Lêdo Ivo traça de Clarice Lispector (1920-1977), no qual inclui um episódio ocorrido na redação da revista *Manchete*, no Rio de Janeiro, em que o diretor Justino Martins, talvez para estimular o talento da colaboradora, aconselhou-a a atualizar sua agenda sexual. “E Clarice, vítima recente de um acidente doméstico, ponderou-lhe, com a sua voz gutural de gaivota no mormaço, e numa humildade que correspondia a uma penosa rendição à miséria da vida: *Não posso transar com ninguém, Justino. Tenho o corpo todo queimado*”, escreve Lêdo Ivo.

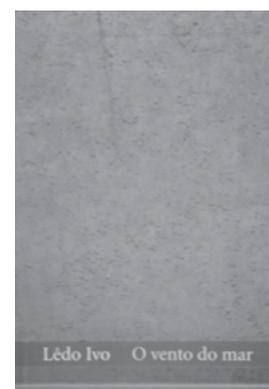
Ao mesmo tempo, o autor faz uma revelação que acaba por desmontar a parte teórica de muitos estudos acadêmicos sobre a obra de Clarice Lispector: a de que ela não lera James Joyce (1882-1941) até publicar *Perto do Coração Selvagem* em 1944, seu primeiro romance. O título e a epígrafe foram-lhe sugeridos por seu amigo Lucio Cardoso (1912-1968), um grande romancista hoje esquecido. Sem saber disso, diz Lêdo Ivo, muitos críticos passaram a trombetear a filiação de Clarice ao autor de *Ulisses*. E assim se escreve a história literária.

II No perfil de Graciliano Ramos (1892-1953), igualmente antológico, lembra Lêdo Ivo que o romancista de *Vidas Secas*, um comunista radical - a uma época em que se acreditava que seria possível reformar o ser humano para se criar o chamado “homem novo” -, ao deixar a cadeia do Estado Novo fascista (1937-1945), saiu nomeado pelo ditador Getúlio Vargas (1882-1954) fiscal de ensino, com direito a um “bico” no Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP), que funcionava no Palácio Tiradentes. “Ali o autor de *Caetés* fazia o copidesque de quase toda a literatura ideológica do Estado Novo”, escreve Lêdo Ivo. Só mesmo no Brasil... Outro perfil pungente - para se usar aqui um adjetivo da época - é o que Lêdo Ivo traça de Agrippino Grieco (1888-1973), que gastou sua longa vida de pobre ferroviário, depois aposentado com magros vencimentos, e morador do subúrbio carioca fazendo crítica literária, malbaratando o seu talento.

“Em lugar de me ter dedicado a uma obra de criação literária, ao romance ou à poesia, gastei minha vida, falando desses efêmeros, que um amigo chamava de *animais invisíveis a olho nu*. Basta dizer que cheguei a ocupar-me do Herbert Moses. Que desperdício...”, disse Grieco a Lêdo Ivo. Como hoje pouca gente sabe quem foi Herbert Moses (1884-1972), é de lembrar que foi jornalista, membro da direção do jornal *A Noite*, do Rio de Janeiro, e presidente da Associação Brasileira de Imprensa (ABI) de 1931 a 1965.

III Há ainda perfis de Manuel Bandeira, Jorge de Lima, Austregésilo de Athayde, Augusto Frederico Schmidt, Murilo Mendes, José Lins do Rego, Cornélio Penna, Lucio Cardoso, Marques Rebelo, Vicente do Rego Monteiro e Josué Monteiro, entre outros, num total de 26 ensaios e perfis. Sem contar os poemas que têm Maceió por evocação. Ou seja, edição luxuosa em papel couchê, que conta com capa em azul granulada que reproduz tela do artista plástico Gonçalo Ivo, filho do autor, esta é uma obra formada por vários livros. E que merece distintas leituras.

Aliás, para não se alongar muito, basta repetir aqui que, fosse a Comunidade dos Países de Língua Portuguesa (CPLP) um bloco comercial de respeito e não uma carta de (boas) intenções e tivesse a Língua Portuguesa maior representatividade no mundo - circunstâncias que, infelizmente, caminham juntas, ainda que díspares -, o poeta Lêdo Ivo já teria sido nobelizado, pois é só isso o que falta para lhe coroar a carreira.



NOTA

O Vento do Mar, de Lêdo Ivo, com pesquisa, seleção e organização de Monique Cordeiro Figueiredo Mendes. Rio de Janeiro: Editora Contracapa/Academia Brasileira de Letras, 312 págs., 2011.



Lurdes Macedo
professora universitária

Entender a Lusofonia V

- Para uma lusofonia presente na Cultura-Mundo

Escrevo a última crónica desta série - Entender a Lusofonia - após uma breve visita a Moçambique. Convém desde já referir que nos dias anteriores a esta visita tinha viajado pela África do Sul e pela Suazilândia, países pertencentes a outra comunidade linguística, neste caso a comunidade anglófona.

Naturalmente, não pude deixar de observar as muitas diferenças entre estes três países da África austral. Aquilo que entendemos por desenvolvimento - o acesso à saúde e à educação, as vias de comunicação, o ordenamento do território ou consumo de bens - não sendo equiparável ao que conhecemos na Europa, é claramente mais observável na África do Sul e na Suazilândia do que em Moçambique. Todavia, as diferenças que mais me impressionaram não se referem a este desenvolvimento, de natureza material, mas a um outro tipo de desenvolvimento diretamente relacionado com mentalidades e formas de estar. Com efeito, quer na África do Sul, quer na Suazilândia, não vi que a minoria branca se passeasse na rua entre a maioria negra; aliás, nunca vi qualquer elemento dessa minoria noutro lugar que não fosse o interior de um hotel, de uma universidade ou de um automóvel de vidros fumados. O mesmo não acontece em Moçambique. Acabada de chegar a Maputo - e ainda dentro do carro sem que tivesse chegado ao meu destino final - reparei que gente caucasiana se misturava com as gentes locais nas animadas ruas da capital moçambicana. E essa gente caucasiana não era outra senão portuguesa e brasileira. Observei ainda outra diferença curiosa: os sul-africanos e os suazi da maioria negra, falando o inglês sempre que a ocasião o solicita, passam imediatamente para uma qualquer língua local quando conversam entre si, mesmo na universidade, nos locais turísticos ou perante os visitantes; em Maputo, a maioria negra interage em português nas ruas, nos cafés e nas lojas, ainda que saibamos que o mesmo não acontece nas periferias da cidade, nos mercados populares e, sobretudo, no resto do país. Os moçambicanos que conheci também não falam línguas locais entre si na presença de visitantes, pelo menos de visitantes lusófonos.

Ora, estas são diferenças que nos fazem refletir sobre as especificidades das comunidades lusófonas ou, por outras palavras, na oportunidade que a experiência da lusofonia encontra num tempo pós-colonial marcado pela globalização. É nesta experiência que nos deparamos com uma oportunidade que, pelo seu cosmopolitismo, se configura simultaneamente apaixonante e gene-



rosa. Trata-se de uma oportunidade apaixonante porque na viagem pelo espaço cultural do outro lusófono acabamos por nos encontrar também a nós próprios; revelando-nos a esse mesmo outro completamos a possibilidade de este pertencer ao nosso território de representações, de sonhos e de afetos.

Trata-se também, sem dúvida, de uma oportunidade generosa. Num tempo pós-colonial, no qual muitos dos conflitos e dos equívocos criados pela história continuam por resolver, a interdependência global desperta-nos para a necessidade de melhor conhecermos e compreendermos as singularidades de uns e de outros no contexto da lusofonia. É nesta recombinação entre as tensões preservadas pela memória do passado e as relações a desenvolver para enfrentar os desafios do futuro que as comunidades lusófonas poderão reinventar-se, posicionando-se entre as culturalmente mais abertas, transparentes e solidárias do mundo atual. Obviamente que falo apenas de uma oportunidade e não de uma realidade estável até porque a lusofonia é uma ideia em permanente (re)construção e, por isso mesmo, com muitas questões em aberto.

A experiência de um sentir planetário faz com que, hoje, em todo o mundo, os cidadãos parti-

lhem um presente e um futuro coletivos. Esta forma de empatia universal, na qual se veem envolvidas as várias comunidades de cultura, abre caminho para a emergência de uma Cultura-Mundo, ou seja, para uma cultura híbrida disseminada à escala do planeta. Num tempo marcado pela americanização global, que papel poderá assumir uma comunidade de cultura como a lusofonia na proposta de uma ideia alternativa à globalização de sentido único a que assistimos na atualidade?

Esta é uma posição que oferece resistência ao processo de globalização em curso e para a qual a lusofonia, enquanto comunidade de cultura presente no Norte e no Sul, no Ocidente e no Oriente, em África, na América do Sul, na Ásia e na Europa terá um contributo necessariamente relevante.

Contar com os valiosos contributos de angolanos, brasileiros, cabo-verdianos, guineenses, moçambicanos, portugueses, timorenses e são-tomenses através da viagem interminável que constitui a lusofonia é então imprescindível para que esta possa constituir-se como um dos centros difusores de cultura num cenário global de Cultura-Mundo.

Por isso mesmo, entender e praticar a lusofonia é um desafio sempre renovado, um lugar sempre redescoberto, uma aventura que vale sempre a pena.



Cristino Cortes
escritor

A celebração de Aljubarrota

Há um conjunto de datas e acontecimentos que justificam a celebração nacional. A rememoração do que foram os episódios marcantes do nosso ser colectivo é a seiva que pode alimentar o patriotismo actual - e essa afirmação de diferença, e quiçá exclusividade, faz todo o sentido na presente conjuntura da Europa e do mundo. Neste tempo que nos coube viver o patriotismo não é um valor vão, inútil ou deslocado; muito pelo contrário, a afirmação da nossa individualidade como povo é factor de acrescida riqueza para o conjunto mais vasto em que hoje nos integramos.

Entre essas datas está, certamente, a da celebração da batalha real de Aljubarrota, ocorrida a 14 de Agosto de 1385, uma segunda-feira, então, tal como hoje, véspera de um dia santificado (e feriado nacional). Pela primeira vez, neste ano da graça de 2009, tive a oportunidade de participar na evocação do 624º aniversário do memorável e fausto acontecimento - e é um testemunho que aqui pretendo deixar, esperançado em que o mesmo possa ser de alguma utilidade para o futuro. E se com ele algum coração bater mais forte eu já fico satisfeito.

A designação da batalha é o primeiro ponto controverso. Aljubarrota é uma pequena aldeia que na altura seria o povoado mais próximo, com nome próprio, dentro dos vários coutos dependentes da Real Abadia de Alcobaca. Aqueles campos na altura designavam-se por S. Jorge - ou talvez essa designação se tivesse consolidado na memória popular pelo facto de ter sido esse santo o patrono dos vitoriosos portugueses. (Era um santo mais raro e exótico, porventura trazido pelo contingente inglês - mas o que se poderia fazer... se o santo de maior tradição bélica na Península estava «do lado» dos castelhanos?)

Hoje esse local de S. Jorge pertence à freguesia de Calvaria de Cima, concelho de Porto de Mós. De modo que as comemorações oficiais, para manter o sábio equilíbrio e o bom entendimento entre as duas actuais autarquias desenrolam-se, sucessivamente, em dois locais: no campo militar de S. Jorge primeiro, no Mosteiro de Santa Maria da Vitória logo a seguir. Assim já têm os dois Presidentes de Câmara a oportunidade - se para tal estiverem virados - de «botar faladura», ou de encarregar alguém dessa tarefa, como foi o caso.

No campo de S. Jorge há, basicamente, uma missa campal e algumas intervenções públicas. Na impossibilidade de a mesma ter lugar na capela mandada construir pelo Condestável, por razões de segurança da respectiva abóbada (e também, certamente, por ser muito pequena e a altura do

ano mais aconselhar uma celebração ao ar livre), ela ocorreu em frente ao monumento votivo que a actual Fundação da Batalha de Aljubarrota erigiu nas traseiras do renovado Museu. Aquele espaço já seria, certamente, uma terra de ninguém em termos militares no conflito que então se desenrolou. O monumento consiste num longo painel em pedra, em alto-relevo, evocando a célebre batalha. Creio que é, de alguma forma, a reprodução da imagem de uma crónica da época.

É um belo espaço, apto para ali se fazerem discursos, deposição de coroas de flores, entrega de condecorações, etc. No espaço em frente, um relativamente bem tratado relvado, instalou certamente a tropa o que eu creio ser uma camuflagem para produzir sombra artificial. Ali havia uma meia centena de cadeiras de plástico, mas a maioria dos assistentes estavam melhor servidos à sombra, verdadeira, dos pinheiros e outras árvores que por ali havia. (Estavam era de pé - é bem verdade que não se pode ter tudo.)

O que primeiro me impressionou, oh meus amigos, e bem positivamente, foi o número dos assistentes - e sobretudo a sua variedade etária. Eu ia à espera de encontrar quase só velhotes, ou para tal estatuto se encaminhando - em cujo grupo me integro, contra factos não há argumentos - e fui positivamente surpreendido pela presença de malta jovem, pais com bebés de colo, crianças que para ali foram levadas, adolescentes que não me pareciam particularmente aborrecidos, jovens porventura pensando em outras coisas... Ainda bem, ainda bem, ia dizendo com os meus botões.

Em nome da Fundação de Aljubarrota alguém - que não se identificou - começou por dar as boas vindas; mas parece-me que devia ter sido mais exaustivo e concreto. Nestas circunstâncias parte-se quase sempre do pressuposto que as pessoas são conhecidas - e isso, em muitos casos, não é verdade. Fez falta uma introdução geral mais abrangente - e que concretamente anunciasse o que ali iria ter lugar. Ele deveria ter dito, por exemplo, quem participava e presidia à celebração litúrgica.

Surpreendeu-me o haver ali representantes do exército espanhol: mas será que eles, pensei, são burros, ou masoquistas, ou acumulam?! Eu bem sei que hoje em dia há uma boa relação entre os dois Estados peninsulares e, tanto quanto me recordo, creio que na celebração do desembarque dos Aliados na Normandia também participam os alemães - que aí foram derrotados. Mas esses sempre poderão dizer que comemoram a libertação do nazismo. (E se calhar é o que dizem mes-

mo.) De qualquer forma parece-me que não é de exagerar nessa cortesia - não se pode entender, para sermos simpáticos, que aquilo foi assim como que um empate.

Não, oh meus amigos, Aljubarrota foi um combate de vida ou de morte, nós felizmente vencemos e eles foram derrotados. Não há volta a dar-lhe - e ainda bem. Essa minha estranheza, e desacordo, teria ainda um outro, e semelhante, campo de manifestação. No terreno envolvente da capela de S. Jorge há um espaço em que resolveram pôr umas lajes de pedra, comemorando os nomes e as datas (de nascimento e morte)



de alguns cavaleiros mais famosos que ali tiveram o dia das suas vidas...

E, oh espanto dos espantos!, também ali estão alguns castelhanos, entre eles um dos muitos irmãos do Condestável... Parece-me mal, e errada, esta forma de a Fundação da Batalha de Aljubarrota de certa maneira tudo pretender nivelar - como se o lado por que se combateu tivesse sido, a estes séculos de distância, um tanto indiferente.

Mas não foi. Uns vinham em jeito de conquista, tentando a sorte ao lado de um rei estrangeiro, e entre eles vinham portugueses que só se podem considerar traidores - pesem embora os laços de parentesco e da tão específica ética feudal desse tempo. Outros defendiam a sua terra e um rei que era português. A estes cobriu a glória; para os primeiros ficou a derrota e a, maior ou menor, vergonha. Há que não confundir os dois planos. De alguma forma seria como se Marrocos nos convidasse

para celebrar a sua, deles, vitória de Alcácer-Quibir. O convite haveria de ser considerado, no mínimo, injurioso e ofensivo. Um mínimo de bom senso e de dignidade levaria a recusá-lo - e com manifesto desprezo.

Mas enfim, oh meus amigos, manifestado este desacordo podemos prosseguir - que já a missa vai adiantada. Toda a celebração teve muita dignidade e nela participou um numeroso e muito activo coro feminino. O principal celebrante tinha uma bela voz, presença em palco, sabia estar. Depois do **ite, missa est** - o seu equivalente, obviamente, visto que o latim infelizmente já se não usa - houve um certo estado de desorientação entre a assistência, não se sabendo muito bem se já era altura de marchar para a Batalha - ou se ainda haveria por ali mais alguma coisa.



Foi então que os militares nos salvaram pois se começou a ouvir o toque dos tambores da pequena força militar que vira a chegada. Seriam uns vinte e poucos que então marchavam, em filas de dois, com tambores e cornetas. Tomaram posição ao lado do altar e, depois de alguns toques que não sei identificar, foi a hora dos discursos.

O Presidente da Junta de Freguesia da terra, Calvaria de Cima, suponho, reivindicou a abertura permanente da capela de S. Jorge, lamentando que os visitantes a não pudessem visitar. (Foi assim mesmo, com essa pouco cuidada linguagem.) Seguiu-se uma exaltação patriótica, muito bem feita e informada, sobre as circunstâncias e as consequências daquela famosa e real batalha. Ainda hei-de saber quem foi o tenente-coronel, já reformado, que a proferiu, pois desejo felicitá-lo pela sua eloquência e pela adequação do que disse ao local e ao momento.

Outra dúvida, e do mesmo tipo, é a de saber quem usou da palavra, pouco depois, na cerimónia de deposição de coroas de flores no túmulo de D. João I, na Capela do Fundador. Fazia falta uma espécie de mordomo que simplesmente dissesse: vai usar da palavra o senhor fulano de tal. Disse esse orador que ali estava a convite da Câmara Municipal da Batalha - e foi uma intervenção bem informada, mais literária e histórica, não muito longa. Mas aí não me parece que houvesse a dignidade suficiente: turistas entravam e saíam, comentavam o que viam, atendiam telemóveis como se estivessem na rua. Os mais compostos ainda eram, seguramente, os militares da pequena força que do campo de batalha para ali se deslocara.

E foi assim, oh meus amigos, e creio que já não foi pouco. Eu creio que todos os portugueses, ao menos uma vez na vida, deviam participar nesta celebração. (Quando muito, se os seus princípios tal impusessem, que dispensassem a parte religiosa - se bem que também esta, poderiam ter a certeza, nenhum mal lhes faria.)

Parecer-me-ia mesmo útil que a Fundação dispensasse aos participantes um autocolante automóvel do género «Eu estive em Aljubarrota», que constituísse manifestação de orgulho e veículo de difusão da patriótica mensagem. Não seria mau que os autocarros - ou outros veículos, evidentemente - trouxessem uma bandeira assinalando o motivo que os movia. A pouco e pouco, e também por essa forma, o sadio culto do patriotismo se difundiria entre as populações.

Isto é mais ou menos o que eu tenho para dizer, numa óptica construtiva e de melhoria destas actividades. O museu parece-me bem organizado, porventura demasiado tecnológico e interactivo para o meu gosto - e a sua loja, sobretudo, está muito bem fornecida e presta especial atenção a um público juvenil.

A apresentação feita é, basicamente, a projecção de um filme. O mesmo não me parece mal, ainda que se me afigure muito tributário do texto de Fernão Lopes - cuja figura, aliás, assume o papel de narrador, de cronista daqueles recuados acontecimentos. Faltou, a meu ver, pelo menos, uma referência à Padeira de Aljubarrota, eis o exemplo que se me afigura adequado. Sempre as coisas ficariam mais compostas.

Certamente por deficiência minha continuei a não perceber muito bem a topografia do local e a sua adequação às circunstâncias descritas do combate. Sei donde os castelhanos vinham, compreendi que para eles o terreno era a subir - fiquei agora a saber por que lado é que eles contornaram aquele planalto. (Mas não percebo, simplesmente, porque não o cercaram, tinham tropa suficiente para o fazer e continuar o seu percurso.) Pela primeira vez me informaram do compreensível ar-

gumento de não quererem combater com o sol de frente. É certo que eles estariam a uma considerável distância e não teriam tido a oportunidade de, ao contrário dos portugueses, suficientemente estudarem o terreno em que se moviam.

A ética feudal não lhes permitiria, por outro lado, como se nada fosse, ignorar a existência do exército português - e pura e simplesmente continuar a caminho de Lisboa, que seria o seu grande objectivo. (Também é certo que, nessa hipótese, ficariam com o inimigo nas costas - o que não deveria ser agradável.) A batalha teria mesmo que se dar - e a susceptibilidade francesa aos remoques lusitanos apenas a precipitou. A doença do rei de Castela, além do mais, foi a origem da desorganização do sistema de comando - e foi certamente esse factor, a par da menorização que os castelhanos fizeram do engenho e arte de quem defendia a sua terra e o seu modo de ser e estar, que explicou o seu bem-aventurado desastre.

Ainda bem que assim foi. Faço minhas as palavras do orador da Batalha para lamentar a pouca atenção e o nulo interesse com que as entidades oficiais encaram esta jornada de sadio patriotismo. Não me recordo, por exemplo, de algum Ministro da Defesa nelas ter participado. E deveria fazê-lo, acompanhado pela mais alta hierarquia do Exército - tanto mais que este dia 14 de Agosto é, creio bem, o chamado Dia do Exército, ou da Infantaria (não sei muito bem, às vezes estas coisas mudam). Já o Primeiro-Ministro e o Presidente da República seria normal que se fizessem representar - embora uma ou outra vez, pelo menos uma vez no decurso do mandato de cada um, devessem fazê-lo em pessoa. Seriam bons exemplos, esses, que o povo apreciaria, tanto mais quanto essa época do ano é, generalizadamente, de férias. Mas conviria ser razoável: essas duas altas entidades poderiam, por exemplo, jamais coincidir nas suas presenças. Por último, oh meus amigos, o que ali me levou. Naquela sucessão de actos comemorativos não vejo eu lugar para a poesia. Mas posso propô-lo: no claustro da Batalha, após a deposição da coroa de flores no túmulo de D. João I, poderia haver um número cultural, a cargo de uma banda militar... Mas com as pessoas sentadas, sem turistas ocasionais, exige-se dignidade para a celebração destes actos.

E, então, sim, aí seria o local adequado para o orador oficial fazer o seu discurso - e decerto poderia haver um momento de poesia, no âmbito do qual, qual poeta convidado, eu poderia ler o meu evocativo poema. Depois, é claro, terminaríamos com o hino nacional. Em coro - e bem alto, não seria aquele um tempo de tibiezas ou hesitações.

Fica a proposta feita, pode ser que alguém - quem de direito, como se costuma dizer - se sinta tentado a caminhar nessa justa direcção. E, se assim for, eu terei o dia ganho.



Ascêncio de Freitas
escritor



«A reconquista de Olivença»

Um dia o escritor americano Henry Miller, num trabalho a que chamou «O Tempo dos Assassinos», referindo-se ao elo que existe entre o poeta e a sua audiência escreveu o seguinte:

“Qual é a voz que hoje se faz ouvir - a do poeta ou a do cientista? Andamos a pensar na beleza, por amarga que seja, ou andamos a pensar na bomba atómica? E qual é a impressão que as nossas grandes descobertas inspiram? Apenas pavor. Porque temos saber e não temos sabedoria, temos conforto e não temos segurança, acreditamos e não temos fé. A poesia da vida expressa-se apenas em termos matemáticos, físicos e químicos. E o poeta passou a ser um pária, uma anomalia que caminha para a extinção. (...) Na verdade, o mundo tornou-se um número. A dicotomia moral, como todas as dicotomias, sofreu um colapso. Atravessamos uma era em que uma grande maré tudo arrasta ao acaso. Começou a grande deriva”.

Estas palavras foram escritas há já algumas dezenas de anos, antes do grande impacto da tecnologia informática, da abertura das grandes vias de comunicação e, portanto, antes da era da globalização. Mas é com estas palavras de Henry Miller como introdução que eu pretendo dizer alguma coisa, não sobre o aspecto literário do romance que está aqui a ser apresentado, mas mais propriamente sobre as razões porque o escrevi. E se me sirvo das palavras do autor americano é porque o meu romance, embora em tom menor e de forma indirecta e algo sub-reptícia, tenta chamar

a atenção para a “deriva” a que se referiu Henry Miller. Deriva que a nós, portugueses, corrompe o bom senso e provoca sem dúvida alguma uma espécie de desintegração moral e cultural.

Já há alguns anos atrás ouvi o director da programação da SIC afirmar que se sentia um homem realizado com o sucesso daquele canal de televisão. E eu pergunto a mim mesmo que espécie de gente é esta, que apenas para ganhar um ilusório sucesso não se importa de envenenar a mente dos nossos jovens e empobrecer a sua natural ânsia de divertimento e de conhecimento. Porque todos nós sabemos sobejamente qual o efeito negativo que tem tido na nossa juventude os mal escolhidos programas da generalidade dos canais de televisão, incluindo aquele que é considerado de “serviço público”.

Este pequeno livro - pequeno no volume mas não na ambição -, na forma como está construído, e reparem que não digo como está escrito, porque o estilo utilizado é muito simples e claro, mas sim, repito, como está “construído”, pretende ser uma alegoria onde se questiona o infortúnio dos homens, os seus ritos, símbolos, preconceitos, violências e falsos processos de salvação, enfim, algumas das coisas que devem ser postas em causa na nossa sociedade e num mundo onde aquilo que éramos está a perder a sua consistência moral face a um economicismo que é uma espécie de monstro que a pouco e pouco vai destruindo o paraíso que antes habitávamos.

Mas não se questiona seja o que for em tiradas re-

tóricas moralizantes ou de forma directa. Não, porque eu, como escritor, faço questão em fugir dos processos alheios de produção literária. Por isso encontrarão neste livro, por exemplo, um olhar muito directo para encarar a guerra com provocadora ironia e até com alguma ressonância propositadamente ridicularizante - e diz-vos isto quem, durante vinte e oito anos da sua vida, participou directamente em duas guerras que provocaram bem mais do que um milhão de mortos -, assim como na caracterização do sonhador optimista mas inconsequente na tragédia da sua generosidade. No entanto o leitor poderá facilmente enganar-se se pretender retirar conclusões apressadas na sua leitura, porque todos os *recados* que lhe estão a ser dirigidos aparecem muitas vezes colocados ao contrário do processo de uma fabulação “normal”, a fim de que ele, leitor, seja forçado a retirar as suas próprias conclusões. Digamos que se trata de um texto armadilhado, no qual o leitor dificilmente poderá adivinhar para que terrenos de reflexão está a ser conduzido através da leitura.

O que de mais imediato me interessou contestar foi a mitologia cultural da família e, através dessa contestação, tudo o que tem a ver com a primeira educação que recebemos, porventura a de efeitos mais duradouros. Porque essa mitologia, antes sagrada para nós, portugueses, está a ser corroida pelos variadíssimos aspectos do avanço da moderna tecnologia, que, por descuido de todos - entidades oficiais e particulares -, apenas tem conduzido ao facilitismo, à negligência do despesismo e em tudo o que respeita à educação dos nossos filhos. E, conseqüentemente, ao erro.

Ouvindo isto poderão pensar que sou um caso perdido de reaccionarismo ou um anarquista ingénuo e serôdio, nascido fora do seu tempo. Mas garanto-vos que isso não é verdade. Eu sou um homem que acredita no homem e que teima ainda em acreditar no sonho de um mundo melhor. Bem sei que é arriscado dizer uma coisa destas, porque falar no homem e ao mesmo tempo num mundo melhor, é hoje uma incongruência onde nem já a utopia se salva. Mas a verdade é que eu tenho 75 anos de idade (hoje tenho 86) e posso garantir que há 50 ou 60 anos atrás o mundo era bem pior do que é hoje. Mas o homem e a “saúde” da Terra alteraram-se profundamente, e eu não pretendo, nem por um momento que seja, perder de vista os males que esses 50 ou 60 anos também trouxeram com as suas melhorias. Todavia seria tolice minha falar aqui dos imensos erros que estão todos os dias a ser cometidos contra a natureza e contra o futuro do homem na Terra, porque todos vós têm alguma informação sobre isso. Mas não será demais lembrar que não é voltando as costas ao problema nem é com ideias concebidas há centenas, senão milhares de anos, que alguma coisa pode ainda ser feita por este mundinho maravilhoso

em que vivemos, que nos parecia tão grande e seguro, mas que, pelo caminho que as coisas levam, irá um dia acabar num Apocalipse difícil de adivinhar qual será.

Em boa verdade todos nós vivemos, de uma maneira ou de outra (excepto os políticos), na convicção de que “tudo vai de mal a pior”. Mas, egoisticamente, pensando que será a um outro qualquer que caberá o simples e metafórico trabalho de apagar a luz e fechar a porta. Porque é essa a maior desgraça do homem: o seu egoísmo. No entanto hoje sabemos que muitos dos “defeitos” do ser humano são fruto de determinadas conformações genéticas, mas quero ainda acreditar que o egoísmo, o egocentrismo, o vedetismo e alguns graus da estupidez poderão ser minimizados e até a um certo ponto controlados pela educação, pelo conhecimento, por uma mais justa distribuição da riqueza, pelo bem-estar e pela fraternidade.

Portanto, o que eu prioritariamente pretendi fazer neste romance, ainda que por ínvios caminhos, foi alertar os jovens para a necessidade de questionarem, a todos os níveis, a sociedade que nós, os mais velhos, estamos a deixar-lhes como herança. Porque eu sou facciosamente contra a ambição material e adepto daquilo que modestamente poderemos chamar de “filosofia da ignorância”, que o velho Sócrates tão bem sintetizou no seu famoso pensamento: “Quanto mais sei, apenas aprendo que nada sei”. Portanto, conscientemente favorável a esta filosofia, acho que é cada vez mais necessário questionar tudo na sociedade que criámos, na busca de um outro caminho para o futuro da Terra e da humanidade. Isto é, sou adepto incondicional de que todos nós façamos o que o poder político da Europa e dos Estados Unidos da América enganosamente faz todos os dias em benefício próprio... para um dia ser anulado pela China.

Por aquilo que me é possível fazer, acho que se torna necessário alertar a juventude para pôr em dúvida o modelo de sociedade que criámos, analisando muito seriamente a ausência da utopia e do sonho, falha essa que conduziu a todos a uma grave crise derivada do comportamento de alguns políticos, crise que deixou já de ser apenas de carácter financeiro para se transformar num desorientado e desesperado “salve-se quem puder”, do qual estarão eternamente resguardados os mais fortes e mais cínicos.

Neste livro parece não haver qualquer lógica que ligue as personagens às situações, ou determine a continuidade ou contiguidade das mesmas. Porque nele tudo acontece com a mesma imprevisibilidade que a própria vida tem, a que uns chamam de acaso, outros fatalidade ou sorte, e ainda outros destino. Mas devo prevenir os que ainda não leram o livro de que nem as personagens nem as situações são resultado de qualquer “acaso” da escrita. Não, porque há uma ordenação prévia que conduz o leitor para situações que não prevê e para um final que não pode de todo imaginar. Final que resume, alegoricamente, o destino daqueles que não sabem fazer do sonho um estado de espí-

rito. O destino daqueles que vivem sem nenhum objectivo preciso. As personagens movem-se, caminham, agitam-se, aparecem, desaparecem, amam-se ou magoam-se tão imprevisivelmente como é o voo agitado de um bando de estorninhos, mas há uma ordem objectiva nos acontecimentos. Assim como há uma causalidade nos actos e na permanente confusão na mente e nos actos do jovem que é a personagem principal do romance. A viagem desolada e solitária que o leva até Olivença a “cumprir o seu destino de homem”, absurdamente guiado e impulsionado pela mãe cega, um destino, aliás, que ele de forma alguma consegue entender, mas que, pelo menos aparentemente, o leva para a guerra, é apenas o cumprimento de uma bizarra tradição que até há alguns anos atrás tentava impingir a ideia de que um jovem tinha que “ir à tropa para se fazer homem”.

Este livro não tem qualquer complexidade formal. Mas, sendo um romance onde a acção, mais lenta ou mais acelerada, é permanente, tem uma estrutura de propositada artificialidade, disfarçada no recurso ao fantástico, no qual assenta grande parte da sua crítica às “ideias feitas” que parece terem envelhecido sem que ninguém as soubesse rejuvenescer face a muitos aspectos da sociedade actual. Foi neste particular - o das “ideias feitas” - que não me pareceu despropositado alertar a juventude para a necessidade e a urgência de sairmos do atordoamento desumanizado em que vivemos, exigindo aos governantes, a todos os governantes, de direita, de esquerda e do centro, uma profunda reforma baseada no ensino, mas que nada tenha a ver com esses retoques epidérmicos que há longos anos vêm sido praticados. Algo que comece e acabe no combate ao flagelo da ignorância e na falta de civismo, males mil vezes piores do que a droga e a sida, a febre aftosa e a malagueira que deu nas vacas e todas essas outras pestes com que a natureza parece querer castigar-nos. Porque me dá a ideia de vivermos aterrorizados face ao perigo de que um drogado nos roube a carteira, mas poucos de nós parecem capazes de reflectir um pouco, com um mínimo de sensatez, naquilo que faz o drogado drogar-se, no que faz a fome matar milhões de pessoas diante dos nossos olhos, no que provoca o desemprego que é um cancro na economia do país, no que gera a indiferença pelo valor da vida humana naqueles que fazem as guerras, no que faz a ânsia do lucro subverter todos os valores morais da nossa sociedade.

Não teria fim a enumeração de vícios e desvios provocados pela desatenção com que geralmente olhamos a vida, e é evidente que num livrinho tão magro como este - e ainda por cima um romance - não poderia sequer aflorar as questões que aqui refiro e que fazem parte das minhas preocupações. Por isso o que eu pretendi foi, apenas, chamar a atenção para o comodismo fatalista e inconsciente com que aceitamos todos os vícios que nos são impostos e nos impedem de rever preconceitos ultrapassados e egoístas, e fazem com que o homem lute permanentemente contra si próprio,

caminhando com um sorriso na face para a auto-destruição, deixando que parte da juventude se mate com a droga, reagindo apenas culpabilizando-a e tratando-a, hipocritamente, como doente, quando não é.

Por tudo isto é que me parece que é urgente para os jovens criarem outro modelo de sociedade, com uma nova plataforma de valores menos hipócritas, uma nova ordem social e política que seja capaz de opor uma barreira de fortes alicerces culturais ao obscurantismo da vida moderna baseado no *vale-tudo* e na *curtição*, na fruição máxima de tudo o que é posto ao seu alcance, ainda que seja apenas para que se mate e a sua morte proporcione algum lucro. É preciso que os jovens questionem essa sensação difusa e aparentemente incontrolável de que o futuro não pode mais ser previsível; que a debilidade da educação dos jovens é uma coisa natural e, por culpa desses mesmos jovens, um mal sem recuperação face ao *inaudito* esforço dos políticos; que o amor sem promiscuidade e sem libertinagem não pode mais ser encontrado; que o pressuposto da ideia de um forte conceito moral é um reflexo primário de reaccionarismo e de atraso intelectual; que a religiosidade de alguns e o fanatismo ultramontano são a mesma coisa; que as incongruências da tradição e do preconceito terão mesmo que existir; que a ambição doentia é um direito dos alegadamente mais fortes - porque tudo isso pode e deve ser questionado.

Assim, o perigo das “ideias feitas”, a confusão sobre o que é a liberdade face ao que é tido por democracia, o torpe conceito do patriotismo do discurso oficial, a guerra como destino dos homens quando o viver no desemprego e na miséria é já em si uma guerra, a dependência da sorte e do azar na perspectiva do futuro dos mais jovens na contingência da emigração, o desejo egoísta de que a vida se prolongue para além da morte sem que ninguém saiba porquê e para quê, tudo isto é directa ou indirectamente questionado neste pequeno romance. Não em nome de duvidosas filosofias que tentem regularizar o racional com o irracional, mas sim porque não aceito que a ponderação e o bom senso sejam, aos olhos da nossa sociedade, réus de crime grave de atraso civilizacional.



Ascensão de Freitas

A reconquista de Olivença



António Fournier
escritor

Os sinais do Verão

A estrada tem um aspecto desolador, com os seus desvãos misteriosos e os semáforos intermitentes que piscam aflitivamente como que alertando para um perigo qualquer. Entre cada clarão do farol que pontifica ao longe, são menos cem metros que faltam. De vez em quando passa um automóvel madrugador, transportando uma silhueta hirta, de regresso de algum crime nocturno. De ambos os lados, as casas dormem na penumbra. As árvores transpiram profundamente. A lua é um disco branco, enorme. O céu é límpido, intensamente azul e aveludado. A abóbada terrestre cintila sobre a Toscana.

Avançamos em direcção ao Verão: o apelo do mar é mais forte, intima-nos a partir. Partir de madrugada, partir e voltar a partir. Levantar-se cedo, não dormir, abandonar-se à viagem, atravessar paisagens sonâmbulas, ver o sol nascer, entrar nas ondas, refrescar-se, adormecer ao sol debaixo do céu da Toscana. É Verão em Itália e os italianos, esses enormes animais da futilidade, saíram, dançaram, trocaram-se, beberam as grandes paisagens estivais, com a lua cintilando ao fundo sobre o mar. Agora os nossos corpos transpiram, ainda excitados com a música nocturna. O vazio é uma promessa a preencher com sofreguidão e euforia. Avançamos em direcção ao mar, os cones de luz suspensa passam agora velozmente, numa luminosidade difusa que se advinha aumentará até ofuscar. Viajamos à velocidade da luz.

É início de Verão, demandamos as praias de areia branca a sul de Livorno. O ar está perfumado e a música suave evolui-se do automóvel em tonalidades azuis, verdes, roxas, deixa no ar um rasto, cola-se às frondes das árvores. Está tudo em silêncio, dentro de algumas horas as caravanas começarão a demandar de novo o litoral, e uma multidão colorida e ruidosa desembocará nas praias engolindo a areia e entrando no mar. Estaciono o carro junto às dunas, saio e espreguiço-me. Sinto o ar fresco, de um frio suportável, aquele que antecede a chegada do sol. Oiço o ruído do mar. Vejo a tua silhueta acocorada. Adormeceste. Deixo-te dormir. Desço até à praia. O grande ar azul do Verão abre-se à minha frente, a paisagem descreve uma curva e só as gaivotas povoam a praia lisa e húmida. Piso os pés na areia húmida e a impressão impregna-se no corpo. Mais um dia nasce sob o céu da Toscana. Muito lá em cima, as últimas estrelas apa-



gam-se. Inspiro profundamente. Este é o meu tempo. É todo para mim.

Ao longe, passa um comboio, ouve-se o seu ruído constante e os carris estridentes fervem furivamente para depois ficarem de novo frios, sintonizados com o silêncio e com o ruído monótono das ondas. Tufos pululam nas dunas, desço e enterro os pés na água. O Tirreno está imóvel e o barracão ao fundo indica-me o limite da caminhada. A areia é estranhamente branca em Vada, e as águas de um verde corrosivo. Decido voltar ao carro, com um pressentimento de predadores nocturnos. Atravesso o pequeno curso de água muito límpida e fresca que vem directamente da fábrica. Contorno a paliçada e estou de novo no descampado. Lá está o carro que parece rressonar docemente. Ao fundo, junto a uma roulotte, uma garrafa quebra-se, ouve-se vozes madrugadoras. Um grilo canta. Aproximo-me. Tu dormes ainda. Cheiro a tua pele, acaricio a tua penugem. Toco-te o nariz. E fico a olhar para ti. Tens uma saia de ganga curta e uma blusa verde, sem mangas. Ao peito um rubi de sangue. Observo os teus joelhos, desço até os teus pés. Digo-te em silêncio que me fazes falta, que não sei como passas os teus dias, que continuas a ser o rosto do meu Verão. Vejo sorrisos, vejo corpos molhados, passos dados a dois, com o luar por cima. Vejo os sinais do Verão e sou feliz.

NOTA

Comemora-se este ano o centenário de Giorgio Caproni, delicado poeta nascido em Livorno. Este texto nasce da invocação contida no poema «Preghiera» que aqui se traduz em sua homenagem.

Oração

Alma minha, leve
vai a Livorno, peço-te.
E com a tua candeia
tímida, pela calada da noite
dá uma volta; e, se tiveres tempo,
procura e perscruta, e diz-me
se por acaso Anna Picchi
ainda está viva entre os vivos.

Hoje mesmo, regresso,
desiludido, de Livorno.
Mas tu, tão mais nítida
do que eu, a blusa
recordarás, e o rubi
de sangue, no serpentina
de ouro que ela usava
ao peito, onde se embaciava.

Alma minha, ajuda-me
e vai à procura dela.
Tu sabes o que daria
se a encontrasse pelo caminho.

Giorgio Caproni



Óleo sobre tela, 2012

«Sensualidade para Olhar»

A artista plástica portuguesa Rosa Pereira volta a expor a sua pintura na Suíça este ano. «Sensualidade para Olhar» está até 25 de Agosto na Galeria Rosshof 5 / Rosshofgasse 5, em Basel. Natural do Porto, a sua formação é vasta e não confinada a Portugal, bem como o seu percurso profissional. Este ano já expôs em Amesterdão (Holanda), também no Porto, e é a segunda vez que leva a sua obra à Suíça. Neste momento e até ao dia 2 de Setembro tem uma mostra no Forum Cul-

tural de Ermesinde, Valongo. A sua pintura trespassa a base do seu mundo imaginário, “os princípios formais de cores. Cores, muitas cores... vejo o meu mundo por dentro e por fora”. E explica: “Tal como o abstraccionismo nasce de uma sequência do aprofundamento da realidade, os meus trabalhos baseiam-se nessa aproximação máxima da realidade, em que as cores se sobrepõem de forma a desfazer as imagens através da conjugação da sensibilidade com expressivida-

de”. O trabalho que Rosa Pereira desenvolve é um conjunto de “obras de furor gestual e informalista”, onde tem e revela “absoluta liberdade criadora na minha mais densa individualidade”. A artista plástica define a arte como “uma aventura num mundo desconhecido, que pode ser explorado apenas por quem quer assumir o risco. Este mundo de imaginação está isento de extravagâncias e opõe-se violentamente ao senso comum”.

Uma forma de pintura

A exposição «Uma forma de passar o tempo», do pintor António Gonçalves, está patente nas Galerias Diogo de Macedo da Casa-Museu Teixeira Lopes, Vila Nova de Gaia, até ao dia 9 de Setembro. Para além de se dedicar à pintura, António Gonçalves é professor auxiliar na Escola Artística do Porto (extensão de Guimarães, desde 2001) e director artístico da Fundação Cupertino de Miranda de Vila Nova de Famalicão (desde 2002).



O livro é arte

«Tarefas infinitas. Quando o livro e a arte se ilimitam» está patente no Museu Gulbenkian até ao dia 21 de Outubro. Esta não é apenas uma exposição de livros, mas de obras de arte onde o livro tem uma

presença determinante - pinturas, filmes, esculturas e instalações - numa montagem que aproxima livros iluminados medievais de obras de arte contemporâneas. O ponto de partida deste percurso são as colecções do Museu Calouste Gulbenkian e da Biblioteca de Arte.

Riso do mundo no aeroporto

O Aeroporto do Porto tem patente uma extensão do XIV PortoCartoon-World Festival, dedicado ao tema «Ricos, pobres, indignados». Composta por cerca de 40 trabalhos, a mostra apresenta os desenhos premiados e finalistas do festival deste ano, organizado pelo Museu Nacional da Imprensa. Os trabalhos patentes na Sala de Embarque até 31 de Dezembro foram distinguidos entre milhares de obras de centenas de cartunistas concorrentes, de todos os continentes.

«Metamorfoses Conceptuais»

Orlando Pompeu expõe um conjunto de desenhos e pinturas sob o título «Metamorfoses Conceptuais» na Galeria Lucília Guimarães (em Guimarães), até 30 de Agosto. Orlando Pompeu nasceu a 24 de Maio de 1956, em Cepães, concelho de Fafe. Estudou desenho, pintura e escultura em Barcelona, Porto e Paris.



Solidariedade em Aveiro

O Museu da Cidade de Aveiro tem patente a exposição «Juntos na solidariedade em Aveiro», que conta com obras de Acácio Rodrigues, Alexandra Madeira, Fernando Gaspar, Gervásio Aleluia, Gustavo Adolfo, Maria José Baltazar, Orlando Pompeu, Sérgio Azeredo, Teresa Vilar e Tiago Paço. A mostra é uma iniciativa do núcleo cultural da Fundação AMI - AMIarte e pode ser visitada até ao dia 26 de Agosto.

«Entre o jogo e o vento»

A Bobogi Espaço de Arte, em Aveiro, tem patente até 29 de Setembro a exposição «Entre o jogo e o vento». O conjunto de obras ali expostas “são relatos pintados através de colocação de peças, formam a imagem da mulher incompleta, que ultrapassa os seus obstáculos, encontrados no seu subconsciente e alcança assim a sua plenitude, a sua libertação, através das suas conversas entre elas, numa mesa de café, ao sabor de um chá”. A explicação é da própria autora dos trabalhos, Renata Carneiro.

Esplendida Sichuan

A mostra fotográfica «Esplendida Sichuan - Um olhar Novo em Zonas Tibetanas» pode ser visitada, até 20 de Agosto, no espaço da Galeria de Arte do Casino Lisboa. A exposição, que contempla mais de 80 fotografias, é organizada pelo «The Overseas Chinese Affairs Office of Sichuan Provincial Government», com o apoio da Embaixada da China e a co-organização da ACILC - Associação de Comerciantes e Industriais Luso-Chinesa.



Egil Nyhus, um dos vencedores do Grande Prémio

Humor no Casino Estoril

O Casino Estoril acolhe, até 30 de Agosto, os desenhos do «World Press Cartoon Sintra 2012» que foram distinguidos com prémios ou menções honrosas neste certame. Após o êxito registado em anteriores edições, o Casino Estoril acolhe, uma vez mais, esta mostra que exhibe alguns dos trabalhos premiados de referência no mundo do humor gráfico de Imprensa.

Arte em pequeno formato

A Associação da Amizade e das Artes Galego Portuguesa está a aceitar inscrições de artistas nacionais e internacionais para o 2.º Salão Internacional de Arte em Pequeno Formato 20X20 cm. Sob tema livre, são aceites trabalhos nas categorias de Pintura, Desenho, Gravura, Es-

cultura, Fotografia e outras técnicas. Será executado um catálogo com as obras de todos os artistas participantes e no fim serão atribuídos cinco prémios. A inauguração do salão terá lugar a 21 de Novembro, às 16,00 horas no Centro de Artes e Espetáculos, Figueira da Foz.



Save Nature

Ana Neves expõe «Save Nature or she will kill you» na Galeria Porto Oriental. A inauguração tem lugar no dia 1 de Setembro, às 16 horas. A pintora assume o título da exposição “enquanto provocação ao observador. Escrito e dito em inglês para ser utilizado como slogan banalizado”. Patente até ao dia 29 de Setembro, Ana Neves esclarece que “para a leitura da obra interessa a conquista do orgânico que se processa, aqui, metamorficamente. Trata-se da relação entre opostos que se questionam e interpenetram constantemente de modo mais ou menos subtil”.



Entrega de prémio internacional a Silvana Violante

12 anos de Cais Art's Project

O Auditório Municipal de Vila do Conde tem patente, até ao dia 1 de Setembro, a exposição colectiva de pintura, desenho, escultura e cerâmica resultante do evento que assinalou o 12.º aniversário da Galeria Cais Art's Project. A acção juntou dezenas de artistas de Portugal, Suíça, Itália, França, Rússia, Uruguai e Lituânia para assinalar o aniversário do Cais Art's Project sediado na localidade das Caxinas, em Vila do Conde. A galeria foi criada com o propósito de dinamizar exposições e outros eventos lúdicos e tem no pintor Ângelo Vaz o dinamizador do espaço, com comércio de molduras e restauros de mobiliário

clássico e obras de arte sobre tela. Nesta mostra colectiva, Ângelo Vaz participou com uma acção performativa/poética, proporcionado a artistas e público um sarau de poesia inspirado nas obras expostas, interagindo com quem assistiu. O organizador premiou cinco artistas pela sua qualidade técnica e estética, pelo distinguiu três elementos distintos das artes plásticas: Silvana Violante, vencedora de Prémio Internacional das comemorações; Maria Manuel Pires com quadro de Ouro; Eleitão com quadro de Prata; Urbano com quadro de Bronze e Luísa Real com quadro Novidade/Criatividade.

«Meandros»

O escultor Paulo Neves, um artista que marca a paisagem urbana com as suas inconfundíveis obras escultóricas, que podem ser encontradas em diversos espaços públicos, nomeadamente a Casa Barbot/Casa da Cultura, Vila Nova de Gaia com o conjunto «Adão e Eva». Agora e até ao último dia do mês acolhe ainda a exposição a que o escultor chamou «Meandros» e para a qual trabalhou a madeira de cedro, criando pequenas esculturas a partir de troncos.



50 Anos, 3 Continentes

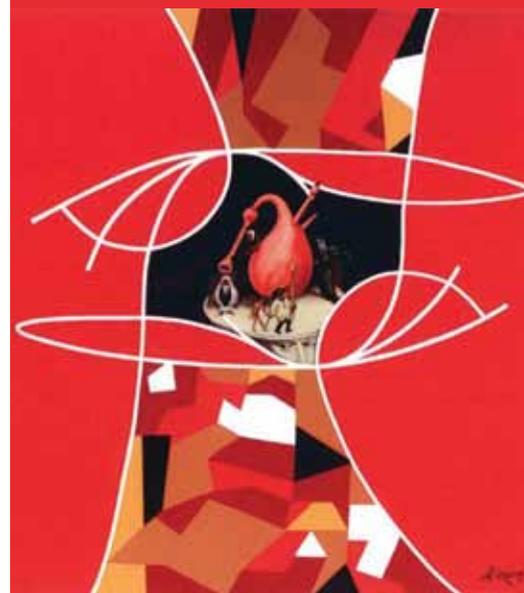
A mostra de Dorindo de Carvalho patente na Galeria Perve, em Alfama, congrega, de forma inédita, um vasto conjunto de obras exemplificativas dos 50 anos da actividade artística do autor, desenvolvida nos três continentes onde se fixou (Europa, África e América). Dorindo de Carvalho | 50 anos, 3 Continentes - Exposição Antológica obras de 1962 a 2012 pode ser visitada até 8 de Setembro.



Armando Alves, 2010

São Mamede em São Lourenço

Ana Maria, Ana Pais de Oliveira, Armando Alves, Cruzeiro Seixas, João Cutileiro. São apenas uma ínfima parte dos nomes que integram a colectiva de pintura e escultura organizada pela Galeria São Mamede no Centro São Lourenço. «Galeria São Mamede em São Lourenço» é mesmo o nome da mostra patente naquele espaço cultural de São Lourenço, Almancil, até 31 de Agosto.



Os Meus Mestres / 22 / Jerónimo Bosch, 2011



J. Esteves Rei
professor universitário

Viver no Douro

E trabalhar no país e no mundo

1 Ainda hoje são faladas as deslocações nocturnas, a dormir no banco de trás, do Dr. Bissaia Barreto entre Coimbra e Vila Real, para operar no dia seguinte, na Clínica do seu amigo, Dr. Otilio Figueiredo. Deste modo, muitos durienses e transmontanos permaneciam na região, aqui resolvendo os seus problemas de saúde, sem terem de se deslocar a um qualquer grande centro do litoral.

O mesmo se verificou, pontualmente, noutros ramos da actividade económico-social, como foi o caso da UTAD que no seu início recebia Professores de universidades portuguesas e espanholas que ia buscar de véspera e se deslocavam pela noite alta.

Nem sequer vale a pena lembrar a governação de proximidade que exerciam os nossos reis da 1.ª dinastia, beneficiando estas e outras regiões do país, antes de a empresa da Descobertas criar a centralidade lisboeta - coisa que deixou de se justificar mas continua, mantida por sucessivas governações até pela actual, democrática.

2 É o contrário, porém, que se verifica nos nossos dias. Quantos durienses e transmontanos, aqui residindo, não têm diariamente de se deslocar, de Miranda a Viana ou de Bragança a Faro, com predominio natural de Lisboa e Porto?

Não é só o alto funcionalismo, público ou privado, nem sequer as grandes empresas, especialmente as dos vinhos, das quais alguns proprietários, na senda da Ferreirinha, por aqui começam a ter a sua residência.

Com efeito, são muitas as PME's que, criadas por jovens dinâmicos, distribuem os seus serviços pelo país e pelo mundo e obrigam os seus funcionários a deambular permanentemente pelas mais diversas vias - físicas ou virtuais. São as formas que por cá toma a globalização, também já implantada por estas bandas.

Assim, vai longe o tempo em que qualquer vinda ou ida destes sítios obrigava a uma confissão geral, como registou Camilo Castelo Branco, tais e tantos eram os riscos de uma deslocação. De entre eles, os menores não seriam nem o Zé do Telhado, que o imaginário nortenho colocava ali para os lados de Penafiel, nem os lobos, que Aquilino Ribeiro imortalizou em «O Malhadinhas», nas viagens entre o interior e o litoral.

Esta obra é aliás a epopeia que vale a pena propor ao cidadão comum em alternativa a qualquer telenovela, jogo de futebol ou 'talk show' - programas das grandes audiências televisivas nacionais. Em sessenta páginas de castiça língua portuguesa, encontrará ele a essência picaresca do ser português, feita de total entrega à sabedoria e à força populares investidas na sobrevivência.

E bem é preciso, esse exemplo de virtudes nacio-

nais, nos tempos que correm. É que o almocreve de antanho pode bem servir de modelo aos jovens empreendedores de hoje, que vivem entre dois espaços de uma viagem permanente em que aceitaram construir suas vidas.

Nem sempre são compreendidos pela família e esta é a primeira e grande vítima desse modo de ser / estar, do qual a instituição familiar também acaba por colher benefícios, mas a custos, frequentemente, tão elevados que tornam inevitável o divórcio e a separação dos filhos.

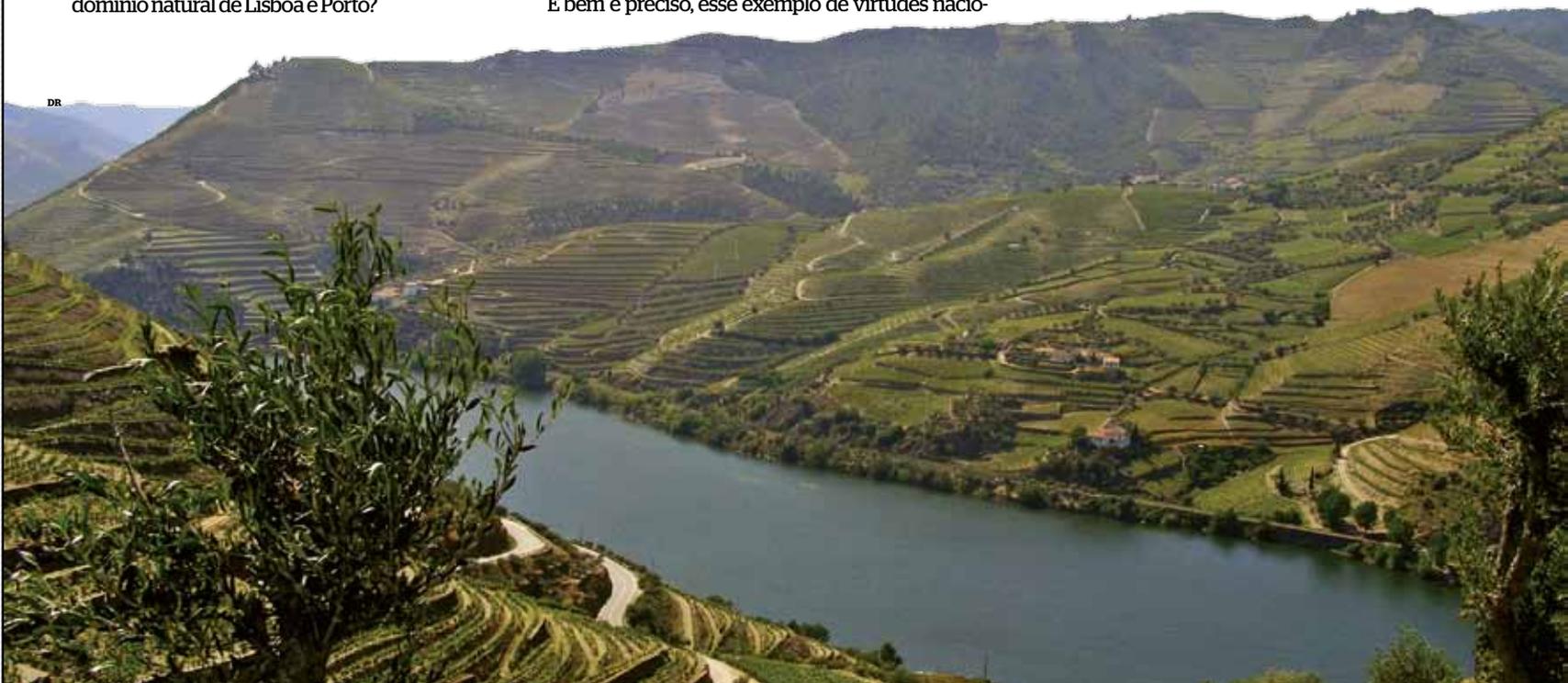
3 Este nosso Douro é hoje atravessado por caminhos e gentes, de cá e de fora, que o tornam quase cosmopolita, como se de metrópole rural se tratasse, passe esta força da linguagem.

A verdade é que ficaram irremediavelmente para trás as imagens e correspondentes sensações que tomavam o viajante à chegada, levando-o a exclamar com Santana Dionísio (em «Alto Douro Ignoto», Lello, 1977: 159):

“Dir-se-ia que estamos a percorrer ‘uma terra morta’. Tal é, de veras, a sensação que tantas vezes se colhe nestes dilatados tractos de terra saibrosa que, aqui e além, aparecem nas duas províncias vizinhas da Meseta: Trás-os-Montes e Beira Alta”.

Com elas desapareceram as defesas, naturais e construídas pelos nossos antepassados, para controlo dos transeuntes e caça aos amigos do alheio, na altura em maior número do que hoje.

Delas ainda por aí restam algumas de elevada beleza e que convém apontar a filhos e netos para memória futura. É o caso da medievá ponte de Ucanha (Tarouca) que poderia transformar-se em emblema dos cosmopolitas durienses de hoje na passagem para a outra margem do mundo, por onde trabalham.





Joaquim dos Santos Marinho
licenciado em Economia pela UPorto

Amor para sempre

O homem das pinhas tinha um ar aciganado. Era alto e espadaúdo. Pertencera ao batalhão de lanceiros quando estivera na tropa. A sua família tinha algo de seu. Ele mesmo tinha sido escriturário numa repartição pública, porque tinha estudos.

Gostou duma mulher que a família achou não ser para a sua condição e, desde logo, foi banido da sociedade que frequentava.

Alojou-se então num moinho velho, como ele abandonado, com a sua companheira, e resolveu dedicar-se à apanha de pinhas.

Usava um varapau de um comprimento enorme, que tinha encaixado numa extremidade um cutelo com o qual tirava as pinhas do cimo dos pinheiros. Acompanhava-o um miúdo, que ninguém sabia se era ou não seu filho, e cuja missão era apanhar do chão as pinhas que caíam.

Ele não gostava de olhar para a terra que pisava, porque já lhe bastava saber que era debaixo dela que iria ser sepultado e, por isso, até chegar a sua hora, só gostava de olhar para o firmamento, para as nuvens, para os pássaros, para Deus.

Quando andava na sua faina e era surpreendido pelos donos das bouças, logo se prontificava a depositar o fruto do seu trabalho e seu único ganhapão. Dada a lhaneza e humildade com que concordava com os ralhos dos proprietários, quase todos acabavam por lhe permitir a continuidade da sua actividade.

Colheita feita, fim de tarde, lá se ouvia a sua voz de tenor anunciando “pinhas, quem quer piiiinhas”, inflectindo a sua voz e prolongando até ao exagero o pregão.

Sempre de cabeça levantada, fixando o infinito, varapau e saco às costas, recheado de pinhas, calcorreava a aldeia fazendo, assim, a sua anúncio.

As mulheres, donas de casa, preveniam a catraia para que, logo que o vissem, as avisassem. Naqueles tempos, o fogão acendia-se com caruma ou carqueja, para que as pinhas, o carvão, a lenha ou os bolos e briquetes feitos de sarrisca pegassem melhor. E, quantas vezes, para aquecer um compartimento da casa, com lareiras improvisadas, as brasas que sobravam e, quando havia, algumas videiras secas, eram um regalo! Que trabalhadeira tudo isto dava comparado com os dias de hoje! Entretanto a mulher da sua vida falecera sem ter podido realizar o seu sonho, que era contrair o sacramento do matrimónio com ela, dados os seus princípios de católico praticante. Desgostou-o a atitude do pároco que lho não permitiu por a sua família ter interferido e ter conseguido semelhante feito! A partir daquele momento nunca mais



vendeu pinhas e, quem passasse junto ao moinho, ouvia uma lengalenga constante, da qual se podia entender as palavras céu, morte, enterrado debaixo dum pinheiro...

Não passou muito tempo que não fosse fazer companhia ao amor da sua vida e o povo do lugar, condoído e ciente de que a sua última vontade devia ser cumprida, levou-o para junto do pinheiro manso da bouça e aí o sepultou, ali mesmo onde tantas vezes se sentara sempre a olhar para o alto. Depois de ter sido enterrado, aquele pinheiro retinha todas as suas pinhas só as largando, espontaneamente, quando o rapaz que o acompanha-

va chega e abre o saco que com ele traz. É então que de todos os ramos do pinheiro, as pinhas caem certinhas para dentro dele! O moço depois estende-as sobre o local que serve de jazida ao homem das pinhas, porque estas eram as flores da sua predilecção!

Ainda hoje por lá passa muita gente para ver um local cheio de pinheirinhos tenros, que nunca cresceram mais que a altura do miúdo que espalhou as pinhas do pinheiro grande. E agora são as pinhas pequeninas destes que tombam sobre aquela terra, morada última dum homem que só agora deve ser feliz!



António Oliveira
doutor em Ciências da Literatura

O homem que queria ser cão

(Para os filhos que nunca tiveram pais!)

Era uma vez um homem que nunca via a cor do sol, mesmo nos dias de porcelana. Durante os seus tempos livres, plantava tarefas em todas as esquinas de sua casa, e, como era médico, vendia saúde a muitas doenças. As cataratas que trazia nos seus olhos eram agora mais brancas do que os sonhos que ele não tinha. Esse homem, que era médico, tinha também uma filha bastante adolescente que se chamava Catarina. Catarina vivia demasiado ausente, desde que sua mãe morrera e agora procurava uma companhia. Uma alma que não desse forma ao pensamento, mas que lhe desse atenção. Na escola, ninguém compreendia as suas reticências, quando a irreverência da idade se furtava à expansão. Apenas sabiam que ela queria ter um cão para partilhar a solidão.

- O meu pai não deixa. Diz que já mexe em muitos parasitas quando trata os doentes no consultório e não quer pulgas lá em casa!

Um dia, a avó, cansada de ver tanto descampado no olhar de Catarina, perguntou-lhe por que andava tão triste.

Catarina olhou para a avó, com uns olhos a brilhar e grandes de tanta esperança e balbuciou:

- Nada de especial avó. Só acho que o meu pai anda tão ocupado com o seu trabalho que mal o sinto lá em casa. Além disso, ele não me quer dar um cão. Um cão sempre me podia dar mais atenção do que ele me dá!

Depois desta conversa, a avó de Catarina chamou o filho a casa e explicou-lhe a situação.

- Nunca pensei que ela sentisse tanto a minha falta, disse o médico habituado a atender doentes!

O certo é que, embora não suportasse a ideia de ter um cão lá em casa, passados alguns dias, o pai de Catarina ofereceu-lhe um pequeno Labrador Retriever, ainda tão pequeno e tão rechonchudo, que mais parecia um novelo, de cor bege.

- Obrigada, pai!

O Pipoca era irrequieto e, sempre que apanhava Catarina desprevenida, lambia-lhe sofregamente o rosto, contagiando a sua dona com uma alegria, ao mesmo tempo fresca e estridente. O olhar de Catarina, outrora doentio, era agora luz, milagrosamente curado, como se Cristo houvera passado as mãos pelos seus olhos. A vida de Catarina deitou-se, então, sobre a relva adormecida... fechou os olhos e rebolou-se na verdade intangível, que media entre o sono e o sonho.

A partir de então, Catarina não largava o Pipoca. Divertiam-se muito, como dois seres privados da razão. Furtava-se a todos os compromissos pueris para estar com o seu cão. O pai gostava de ver a sua

filha, assim, feliz. Aos poucos começou a gostar do animal e descobriu quanto um animal é importante para incutir o afecto no crescimento da criança. Como uns pais que dedicam a maior parte do tempo ao desvelo dos seus filhos, Catarina começou a mimar muito o Pipoca. Muito? Para o médico, desatento às leis naturais das emoções, talvez fosse muito. Começou, então, a sentir o que anteriormente a sua filha sentia. Não sabia a filha como dantes a filha não sabia o pai! O médico achava que Catarina dava atenção de mais ao cão! Mas não se tinha apercebido que, ele próprio, dava atenção de mais ao trabalho. Enquanto a algibeira aumentava o volume de lucros, a sua bolsa de vidro diminuía de sentimentos! A erosão da ternura que se dera no órgão que se encontrava perto do seu coração, viera agora renascer nos ciúmes que nutria pelo amor que Catarina dedicava ao seu cachorro! Um dia que Catarina se encontrava na escola, o doutor roubou tempo ao seu emprego e cuidados intensivos aos seus doentes e gastou-os a falar com o Pipoca:

- Olha, Pipoca, tu és um sortudo! Tens toda a atenção de Catarina, um privilégio que eu já não tenho. Talvez seja mesmo porque não o mereça, pois quando ela precisava do meu carinho, não lhe dei atenção nenhuma! Ai, Pipoca, quem me dera ser cão para ter esses carinhos e esses mimos que tu tens!

E sem se dar conta, o médico descobriu que havia dentro dele um homem que queria ser cão. Era ab-

surdo! Durante alguns minutos tomou consciência do lugar que o mundo lhe reservava. Envergonhou-se de ser Homem! Do seu egoísmo gorduroso! Então decidiu meter baixa, por um dia, no hospital onde trabalhava, para se encontrar com um colega e amigo da faculdade.

- Sabes, disse-lhe o amigo, a melhor maneira de amar os outros é mostrar-lhes que somos amados. Tu não podes dar amor, nem carinho, nem ternura aos teus doentes se não trazes todos esses afectos de casa. Só podemos repartir com os outros o que recebemos dos outros. A tua filha é a tua paciente mais importante e mais vulnerável. Tens que atender todos os dias no teu consultório e dar-lhe o remédio que ela não encontra na farmácia. Pois, para a tua filha, o consultório dela é o teu coração e o remédio dela são as palavras pungentes, que ela quer ouvir da tua boca.

Ao final da tarde, quando regressou a casa, pensou muito na conversa que teve com o amigo e decidiu que iria reduzir o seu trabalho no consultório, uma vez que já passava muito tempo no hospital.

No dia seguinte, para espanto de Catarina, o pai chegou mais cedo a casa e não parou de a questionar: o que tinha comido na escola, como correram as aulas, se ia ter testes e quando, se já fizera os deveres, se já tinha telefonado à avó, o que é que a empregada tinha preparado para o jantar e onde estava o Pipoca.

A epifania das palavras soletradas voltava a casa como se nela entrasse a sagrada família.



Desenho de Artur Moreira



Paulo Ferreira da Cunha
lusoofilias@gmail.com

Direito Constitucional, Património Cultural

Não só o Direito é cultura, como é ainda, como alguém lhe chamou, a “medicina da cultura”. Para além das minudências que tanto enfadaram os leigos, da coação, da burocracia, o Direito é hoje o grande guardião de um modelo civilizacional de cultura, de dignidade da Pessoa, que (ir)racionalidades não jurídicas procuram desterrar. E a sede dessa dimensão cultural do *jurídico* é, no plano prático, o Direito Constitucional.

Apesar de alguns políticos o denegrirem e de alguns juristas dele se não aperceberem ainda, ou julgarem que podem viver sem ele, o Direito Constitucional é o vértice da pirâmide normativa, e a manifestação suprema da Justiça na Ordem Jurídica.

Estamos em tempo de muitos ataques à Constituição, ao Tribunal Constitucional (seu institucional guardião) e de muito esquecimento da Magna Carta que deveria ser levada a sério como nosso contrato social comum¹.

Mas não se pode deixar de se sentir a permanente interpelação deste ramo do Direito que cura do estatuto jurídico das coisas *políticas*. E que sempre terá essa dupla essência, quer se queira encobri-la quer não. E quem pretensamente não quer política no Direito Constitucional e deseja “limpar” a Constituição de “ideologia”, já se sabe que política e que ideologia realmente quer: a que sempre se esconde para se fazer crer inevitabilidade, bom senso ou até ciência. É o procedimento de prestidigitação ideológica a que Roland Barthes chamaria “ex-denominação”.

O Direito Constitucional é uma área da atividade e do conhecimento jurídico, classicamente inserida no Direito Público, mas que, pela sua posição de centralidade, expansividade (pela constitucionalização de todo o Direito) e prevalência hierárquica (há uma pirâmide normativa cujo vértice é ocupado pelo Direito Constitucional) relativamente aos demais ramos do Direito, e por de cada um deles, nas Constituições modernas, existirem como que as “cabeças de capítulo” (“têtes de chapitre”), acaba por ter uma transversalidade jurídica e sobretudo uma importância sem par no Direito atual. Apesar da resistência à constitucionalização, quer dos ramos mais cristalizados e dos juristas mais “agelásticos”, quer por via do movimento de desconstitucionalização e desgaste (ex-

plosão, implosão e erosão constitucionais) das Constituições de hoje. As quais ainda são, mesmo assim, constituições do Estado de Direito democrático, social e cultural (e de valores).

O objeto do Direito Constitucional é, naturalmente, a Constituição, que tem sobretudo três dimensões, que devem ser concordes e harmónicas entre si o mais possível (embora sempre haja disfunções):

a) a constituição formal, que é o texto da Constituição, normalmente codificado (o Reino Unido, contudo, tem uma constituição esparsa, feita de textos e costumes, não reunidos em volume oficial),

b) a constituição material (conceito complexo, que aponta para a consciência jurídico-constitucional do Povo ou Povos a que se refere a

Constituição, os seus valores e anseios políticos e o seu génio jurídico) e

c) a constituição real (que acaba por ser a situação real, em cada tempo e lugar, da vivência da Constituição, muito determinada pela correlação de forças políticas em presença).

Sendo estatuto jurídico do político, o Direito Constitucional debruça-se sobre o Estado, as instituições políticas, os fins do Estado e os projetos ou utopias coletivas, assim como os seus mitos fundadores (muitas vezes presentes nos preâmbulos constitucionais), e os poderes estaduais e a sua separação, assim como os Direitos Fundamentais dos cidadãos (sem estes dois últimos elementos não há Constituição, conforme assinala o art. XVI da primeira Declaração dos Direitos do Homem e do Cidadão, francesa, no séc. XVIII). Não só as metas, mas a própria forma que o Direito Constitucional dá ao Estado são a “utopia” em que se pretende viver.

A importância das matérias constitucionais como leis das leis (supralegais) determinou, em muitos casos, a existência de limites materiais de revisão constitucional, ou cláusulas pétreas, que são o que dá, no limite, feição essencial a uma Constituição. E cuja revisão ou esquecimento constituiria uma revolução (ou contrarrevolução), sendo, desde logo, inconstitucional.

A nossa Dignidade como pessoas, cidadãos e trabalhadores, os valores e princípios, como Justiça, Liberdade e Igualdade (esta última ainda há pouco tão vital para a interpretação do Acórdão do Tribunal Constitucional sobre cortes de subsídios) não são conceitos vagos manejados por burocratas. Como as polémicas constitucionais vão mostrando, há uma profunda implicação filosófica e cultural nestes instrumentos, com os quais se burila a nossa casa comum de direitos e deveres. São coisas nossas. Como o património literário ou artístico.

Rejeitar esse legado seria como deitar fogo às bibliotecas e museus, que, como a Constituição, não são Cultura morta, mas vivíssima.



NOTA

¹Cf., por todos, o nosso livro *Constituição & Política*, Lisboa, Quid Juris, 2012.



José Hermano Saraiva (1919-2012)

A História transformada em muitas

Nascido a 3 de Outubro de 1919, em Leiria, faleceu no dia 20 de Julho de 2012 (92 anos), em Palmela. José Hermano Saraiva foi professor e historiador, mas era mais conhecido como homem da televisão pela grande maioria dos portugueses. Licenciou-se na Universidade de Lisboa, em Ciências Histórico-Filosóficas em 1941 e em Ciências Jurídicas, em 1942. Envolvido na política, durante o Estado Novo, foi deputado à Assembleia Nacional, procurador à Câmara Corporativa e ministro da Educação. Durante o seu ministério, entre 1968 e 1970, enfrentou um dos momentos mais conturbados da oposição ao Salazarismo, com a Crise Académica de 1969. Quando deixou o Governo, foi exercer o cargo de embaixador de Portugal no Brasil, entre 1972 e 1974. Com a chegada da Democracia, José Hermano Saraiva tornou-se numa figura apreciada em Portugal, bem como junto das comunidades portuguesas no estrangeiro, pelos seus inúmeros programas televisivos sobre História de Portugal. O que o tornou igualmente numa figura polémica, porque a sua visão da História tem sido, por vezes, questionada pelo meio académico. Voltou a leccionar, como professor convidado na Escola Superior de Polícia (actual Instituto Superior de Ciências Policiais e de Segurança In-

terna) e na Universidade Autónoma de Lisboa. Pela sua grande capacidade de comunicação, popularizou-se com programas televisivos sobre História e Cultura. A colaboração com a RTP começou em 1971 com o programa «Horizontes da Memória», tendo nesse ano recebido o Prémio da Imprensa para o Melhor Programa do Ano. Foi ainda autor e apresentador de «Gente de Paz», que assinalou o seu regresso à RTP em 1978, «O Tempo e a Alma», «Histórias que o Tempo Apagou» e «A Alma e a Gente».

Foi membro da Academia das Ciências de Lisboa, da Academia Portuguesa da História e da Academia de Marinha, membro do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo, no Brasil, e Sócio Honorário do Movimento Internacional Lusófono. Recebeu a grã-cruz da Ordem da Instrução Pública, a grã-cruz da Ordem do Mérito do Trabalho e a comenda da Ordem de Nossa Senhora da Conceição de Vila Viçosa, em Portugal, e a Grã-Cruz da Ordem de Rio Branco do Brasil. Ficou classificado em 26.º lugar entre os cem Grandes Portugueses, do concurso da RTP1. José Hermano Saraiva fez parte do Conselho Editorial do extinto suplemento cultural «Das Artes Das Letras», que saía às segundas-feiras com o diário «O Primeiro de Janeiro».

O historiador foi agraciado este ano, nas cele-

brações do 10 de Junho, pelo Presidente da República, com a Grã-Cruz da Ordem do Infante D. Henrique. Em Outubro de 2010, a Academia Portuguesa da História (APH) distinguiu-o como académico de mérito, salientando ser um “grande divulgador” da História de Portugal. “A Academia achou que nesta sua idade, era bonito, agradável, marcar um momento de confraternização com um homem que fez muitos portugueses conhecer a História de Portugal”, explicou na altura à Lusa a presidente da APH, Manuela Mendonça sublinhou que José Hermano Saraiva “levou com simpatia e palavras de agrado os portugueses a interessarem-se mais pela sua própria História”.

Um dos seus livros mais conhecidos é a «História concisa de Portugal», editado pela primeira vez em 1978, este título foi já traduzido em espanhol, italiano, alemão, búlgaro e chinês. O livro foi escrito durante o exílio a que se impôs na Nazaré, a praia da sua infância, durante o PREC (Período Revolucionário em Curso), em 1974-75, a convite do editor livreiro Lyon de Castro. José Hermano Saraiva dirigiu também uma outra «História de Portugal» em seis volumes, publicada em 1981 pelas Edições Alfa.

Na área da História, José Hermano Saraiva publicou cerca de 20 títulos, entre eles «Uma carta do Infante D. Henrique», «O tempo e alma», «Portugal - Os últimos 100 anos», «Vida ignorada de Camões» ou «Ditos portugueses dignos de memória». Na área da jurisprudência editou sete títulos, nomeadamente «A revisão constitucional e a eleição do Chefe do Estado», tendo ainda publicado cinco títulos na área da pedagogia.

Em reacção muitos foram os que lamentaram a partida de José Hermano Saraiva, desde logo o director da RTP2. Jorge Wemans referiu que o historiador é uma “figura incontornável nos últimos 50 anos da vida portuguesa” e reforçou que José Hermano Saraiva “procurava na cultura, no património edificado, nas artes, um campo imenso para transformar esse património numa história em diversas histórias, que contava de uma forma absolutamente genial”. Mas também o Presidente da República, Cavaco Silva, recordou o historiador como um “português que amava a sua pátria” e destacou a forma como se tornou um “cativante divulgador” da história e cultura portuguesas. O secretário de Estado da Cultura, Francisco José Viegas, para além de enaltecer o facto de o historiador ser “alguém que se destacava pela sua capacidade de diálogo, sempre possuidor de um espírito amável, tolerante e inquiridor”, recordou “a sua vontade em partilhar e empreender sempre uma multiplicidade de novos projectos para o futuro, dedicando uma energia incansável e permanente ao estudo e à investigação, na sua busca de conhecimento”. O primeiro-ministro, Pedro Passos Coelho, considerou igualmente “uma perda muito grande para Portugal” a morte de José Hermano Saraiva.

Jorge Amado

Festa da literatura e da amizade

O centenário do nascimento de Jorge Amado (1912-2001) está a ser assinalado com várias acções, nomeadamente em Portugal, tendo tido o momento alto no passado dia 10 de Agosto, data exacta do nascimento do escritor. A Fundação José Saramago assinalou a data, desafiada por Vera Barbosa, actriz, música e encenadora brasileira em Portugal há poucos meses e que vive muito perto da Casa dos Bicos. Música e leituras encenadas pela própria Vera Barbosa, acompanhada pelo violonista João Maló, uma exposição de livros, fotografias, correspondência trocada com José Saramago, filmes e música. Assim se assinalou a efeméride festejando "a literatura e a amizade", pois Jorge Amado e José Saramago foram amigos, cruzaram-se em vários pontos do mundo, visitaram-se mutuamente, trocaram cartas, confidências, opiniões. Admiravam a obra literária um do outro. Mas porque Agosto é um mês difícil para organizar actividades em Lisboa, a Fundação decidiu fazer agora uma festa e promete para o Outono iniciativas de cariz mais institucional. Numa colaboração muito positiva, a Fundação José Saramago realça que do Brasil - da Companhia das Letras e da Fundação Casa Jorge Amado - vieram as obras completas, fotografias, gravações, e até fitinhas à maneira do Bonfim, com frases de Jorge Amado. Ao acervo da Fundação foram buscar cartas trocadas entre os dois escritores e mais fotografias, além das que estão visíveis n' «A Semente e os Frutos» (exposição inaugurada no dia da abertura da Casa dos Bicos, a 13 de Junho).

Por exemplo, o Casal das Letras - sítio na Internet gerido pelos escritores e ex-jornalistas Maria Augusta Silva e Pedro Foyos - prestou homenagem ao escritor baiano com "a revelação de memórias de Jorge Amado, narradas na primeira pessoa e registadas pela sua amiga e tradutora das obras para francês, Alice Raillard. Esse texto, desconhecido entre nós, é imensamente expressivo da realidade do País nos tempos da Ditadura. Jorge Amado, então um 'escritor maldito' em Portugal, descreve com peculiar sarcasmo as peripécias policiais que envolveram as suas breves permanências em Lisboa". São quatro excertos: Escritora Maria de Lurdes Belchior veio do Rio de Janeiro a Lisboa para me defender; Chegado ao aeroporto de Lisboa, eu não tinha o direito de ultrapassar os limites da sala de trânsito; - Um indivíduo que a gente reconhece em qualquer lugar como se estivesse escrito no peito «Policia Secreta»; O homem ficou na porta me esperando. Talvez não tivesse dinheiro para jantar, coitado...

A Biblioteca Nacional de Portugal (BNP) tem paten-

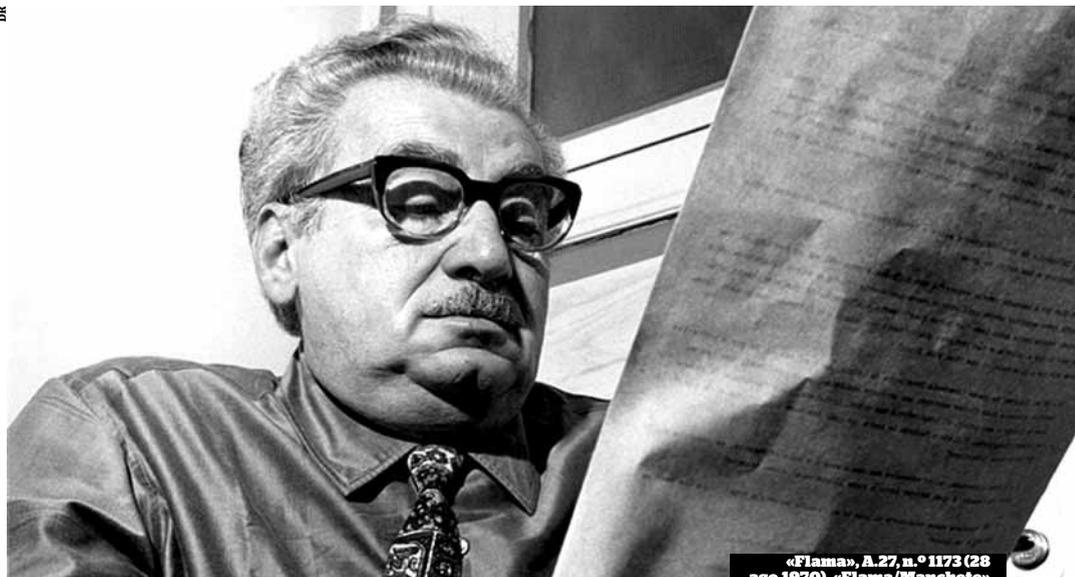
te uma exposição sobre os tempos e os modos de recepção da sua obra no nosso país, desde o primeiro impacto intelectual, aliás de contornos polémicos, nos anos trinta do século XX, à projecção mediática que correspondeu à divulgação através de famosas séries televisivas e a passagem pelo cinema, após os anos setenta. Escritor do 'romance social', assim foi saudado nos anos trinta desde a edição de «País do Carnaval» (1931), tal como Cândido Portinari o foi na pintura. E, tanto pela qualidade da obra subitamente revelada como pela prolixidade na sucessão de títulos, então entrados em Portugal exclusivamente através das edições brasileiras, Jorge Amado constituiu principal referência dessa nova descoberta do Brasil, segundo expressão de Joaquim Namorado que viria a ser repetida por António Ramos de Almeida. Correspondeu aqui a uma mediação brasileira nos paradigmas literários do Neorealismo português, acarretando com isso acesa polémica entre os representantes deste movimento e os escritores alinhados na revista Presença: célebre ficou a disputa entre José Régio, defensor da impossibilidade de projectar um receituário social brasileiro na realidade portuguesa, e Álvaro Cunhal, que empurrou tal polémica para um terreno exterior ao domínio estético-literário. A tais aspectos respeita a primeira secção da exposição, coincidente com a publicação da grande obra que foi «Terras do Sem Fim» (1943).

A segunda secção parte do momento em que a circulação das obras de Jorge Amado, por via brasileira ou mesmo francesa, começou a ser interdita, tanto mais a partir de «Seara Vermelha» (1946) e até «Subterrâneos da Liberdade» (1954). A sua recepção atenuou-se nos limbos do silêncio, com raras edições portuguesas, e o escritor foi remetido

para o subterrâneo dos processos policiais do Estado Novo, com direito a processo próprio. Após a edição de «Gabriela, Cravo e Canela» (1958) e a sua fulgurante projecção em todo o mundo, a higiene policial abriu a fresta das edições em Portugal (nomeadamente a deste último romance, publicado em 1960 sob impulso do editor Lyon de Castro e o envolvimento de Alves Redol) e permitiu a vinda do escritor ao nosso país em 1966. A partir daqui, podemos falar de uma cronologia das edições portuguesas: a multiplicação de edições e tiragens, não obstante a persistência policial em contraditar a ausência de censura oficial, permitiu uma recepção pública mais alargada, a que não foi estranho o primeiro grande sobressalto da cultura de massas em Portugal nessa década.

Mas foi sobretudo após o 25 de Abril de 1974 que toda a obra de Jorge Amado conheceu integral edição, reforçada e alargada com a adaptação de alguns dos romances a séries televisivas, com um sucesso a raiar a novelofobia, e as versões cinematográficas que tornaram o escritor um best-seller editorial, já com várias chancelas empenhadas no êxito de mercado. Este é o enfoque da última secção da exposição, compreendida também a recepção das obras adaptadas audiovisualmente por via da sua divulgação em revistas populares e de sucesso. A mostra na BNP patente até ao dia 7 de Setembro, na sala de exposições (Piso 2), com entrada livre.

De 11 a 13 de Outubro decorrerá na cidade de Renne, em França, um Colóquio Internacional. Realizado pela Université Rennes 2, Universidade Estadual de Feira de Santana e Fundação Casa de Jorge Amado, o encontro revisitará a obra prolifera e polémica de Jorge Amado, procurando fazer um balanço sobre a produção e o legado do escritor. Um dos eixos do Colóquio privilegiará as relações interculturais que a obra do autor de «Capitães de Areia» inaugura com espaços culturais estrangeiros. As questões sobre a experiência do Outro - neste caso, o imaginário social sobre o Brasil - através da obra de Jorge Amado serão complementadas por uma reflexão sobre a importância das relações interculturais nas figurações identitárias que emanam da produção do escritor.



50 anos da poesia de Menano

O mais recente livro de poemas de António Augusto Menano, «Memória da luz e outros poemas», será apresentado no dia 24 de Agosto, pelas 18h30, no Casino da Figueira da Foz. A obra, que é uma antologia de toda a obra poética de António Augusto Menano já publicada, comemora o cinquentenário da edição do primeiro livro do poeta, «Tempo de Voar», em 1961. A antologia foi organizada por António Pedro Pita, que fará a apresentação.

António Augusto Menano nasceu em 1937 e desde jovem que se destacou na cena cultural portuguesa. Apesar de fortes ligações ao cinema e ao cineclubismo, à literatura e ao jornalismo cultural, é à poesia que, durante muito tempo, consagra maior

dedicação. Pela estreia, em 1961, é contemporâneo de uma viragem na poesia portuguesa contemporânea. A sua poesia, pós-pessoana e pós-surrealista e não alheada das pesquisas formais, mantém contudo uma forte relação com a herança realista, concentrada numa explícita temática social e política. Na Figueira da Foz, decisiva referência biográfica e mítica do seu percurso e do seu imaginário, desenvolveu intensa actividade cultural e cívica de ressonância nacional. De destacar que António Augusto Menano é também um nome reconhecido na pintura e tem ainda o seu nome associado a alguns títulos de imprensa nacional, nomeadamente no jornal As Artes entre As Letras, no qual colabora frequentemente.

ANTÓNIO AUGUSTO MENANO

MEMÓRIA DA LUZ

e outros poemas



MinervaCoimbra

APE premeia «Tempo Contado»

O livro «Tempo Contado», de J. Rentes de Carvalho, foi o vencedor do Grande Prémio de Literatura Biográfica 2010/2011, atribuído pela Associação Portuguesa de Escritores (APE). «Tempo Contado» - o livro colige o diário de José Rentes de Carvalho, escrito nos anos de 1995 e 1996, e originalmente publicado na Holanda, onde o autor se fixou em 1956. José Rentes de Carvalho nasceu em Vila Nova de Gaia, estudou Românicas e Direito em Lisboa, e abandonou o país no início da década de 1950, na altura da ditadura do Estado Novo, por motivos políticos. Desde 1988 que se dedica exclusivamente à escrita e «La Coca» é a última obra do escritor publicada pela Quetzal. O Grande Prémio de Literatura Biográfica da APE foi atribuído por unanimidade a «Tempo Contado», publicado em 2010. Dotado de cinco mil euros, o galardão é bienal e admitiu a concurso, nesta edição, 50 obras de escritores portugueses, publicadas por 25 editoras, entre biografias e autobiografias, memórias e diários. O prémio tem o patrocínio da Câmara Municipal de Castelo Branco.

«O Tecla de Manuel Alvarez Vicente»

A Orfeu - Livraria Portuguesa, em Bruxelas, que reabrirá a 4 de Setembro (dia 3 à tarde, para livros escolares), promove no dia 25 de Agosto, em A Guarda, Galiza, a apresentação do livro «O Tecla de Manuel Alvarez Vicente» (edição da Orfeu, na série Gallaecia). De Moledo, Caminha e Cerveira olhando para norte e oeste vê-se um monte na margem direita do Minho, mesmo na sua foz, o Monte Tecla (Santa Tecla, Santa Tegra para os do norte do Minho). Do seu cume contempla-se uma das paisagens mais extraordinárias da península. Manuel Alvarez Vicente escreveu, em 1926, «El Tecla», em que exalta a riqueza da paisagem e as simbologias e potencialidades do local, mas em que também emite opiniões sobre toda a Ibéria, a política e os homens da altura. A edição é completada por textos de José A. Uris Guisantes, historiador que biografa o autor, e de Luís Alvarez Barbosa, bisneto do autor, sendo a tradução de «El Tecla» para português de Maria João Alvarez Matos e Maria Teresa Seabra Andrade Alvarez, bisneta e trineta do autor. A sessão de lançamento será antecedida por um almoço no restaurante do alto do Monte.

Herta Müller vem a Lisboa

A escritora romena Herta Müller, vencedora do Prémio Nobel da Literatura em 2009, estará em Lisboa, de 10 a 14 de Setembro, para apresentar o romance «Já Então a Raposa Era o Caçador». A sessão de apresentação da obra está marcada para 13 de Setembro, às 18h30, no Goethe-Institut (Lisboa), e será seguida por uma conversa com a escritora Lídia Jorge, moderada por João Barrento. Antes disso, a partir do dia 6 de Setembro e até 28, estará patente, na Biblioteca Camões, a exposição «O Círculo Vicioso das Palavras», que documenta o percurso da autora, desde a sua infância na Roménia até à atribuição do Prémio Nobel da Literatura. No romance «Já Então a Raposa era o Caçador», que chegará às livrarias a 10 de Setembro, a Nobel da Literatura recria o ambiente opressivo e angustiante, durante os últimos dias do regime totalitário de Nicolae Ceaucescu. Herta Müller ganhou notoriedade internacional a partir dos anos 90, quando os seus trabalhos começaram a ser traduzidos para mais de 20 idiomas.

Poesia na Bonjóia

O serão da Bonjóia do dia 23 de Agosto insere-se no Ciclo das Artes, sob o tema «Noite de Poesia». Libânia Madureira e Amigos são os dinamizadores por mais

uma tertúlia à moda do Porto que decorrem todas as quintas-feiras, a partir das 21h15, na Quinta de Bonjóia (Campanhã, Porto), desde 2003, com entrada livre.

Cursos pela FJ

A Fundação da Juventude (FJ) vai iniciar este ano cursos financiados de Proteção de Pessoas e Bens, a partir de 22 de Agosto; Ciências Informáticas, a partir de 12 Setembro; Formação Base, a partir de 26 de Setembro; Cuidados de Beleza, a partir de 17 de Outubro; Serviços Domésticos, a partir de 7 de Novembro e Tecnologias de Diagnóstico e Terapêutica, a partir de 21 de Novembro. Os cursos destinam-se a activos (empregados e desempregados), com o 9.º ano e idade igual ou superior a 23 anos e decorrem na FJ em Lisboa.

Abertas inscrições para o PEJAME

Estão abertas as inscrições para a 12.ª edição do Programa de Estágios Jovens Animadores do Museu da Electricidade (PEJAME). O PEJAME enquadra-se no primeiro Vector de Intervenção Estratégica da Fundação da Juventude e tem como objectivo principal proporcionar aos estudantes universitários uma formação em contexto real de trabalho, através da colaboração no Museu da Electricidade. As inscrições decorrem até 20 de Setembro e podem candidatar-se estudantes do ensino superior, com idades compreendidas entre os 18 e os 25 anos, a frequentar preferencialmente cursos com componentes em Física, Electricidade, Electrónica, Química, Energia ou Ambiente. O período de estágio decorre de 2 de Novembro 2012 a 1 de Maio 2013.

Reposição de «A Casa Encantada»

A peça «A Casa Encantada», vai ser reposta de 30 de Agosto a 1 de Setembro, às 21h30, no Cine-Teatro Constantino Nery, Matosinhos. «A Casa Encantada» é um projeto/performativo com encenação de Luisa Pinto. Trata-se de uma instalação encenada onde o actor procura uma relação mais próxima com o espectador. É uma viagem pelos espaços do CTCN cruzando o Teatro e as Artes Plásticas, vivenciando atmosferas diversas em cada cena. Trata-se também de uma instalação cénica a partir de cenografia e adereços de projectos anteriores. Aqui a palavra de ordem é recriar, tirar os objectos do seu contexto inicial e habitá-los de uma outra forma. Inspirado n' «A Casa encantada» («Spellbound»), título dado ao filme de 1945, realizado por Alfred Hitchcock. Nesta criação encontram-se várias figuras das artes do século XX que deambulam pelos espaços num contexto surrealista falando sobre temas comuns a todos nós, o amor, a obra, a vida e a morte. Recorde-se que no dia 16 de Setembro, pelas 11 horas, decorrerá mais uma sessão de teatro para bebés.

Noites de Ópera do Douro

O Claustro da Câmara Municipal de Amarante será palco, na quinta-feira, 18 de Agosto, às 22 horas, do segundo espectáculo das Noites de Ópera do Douro (NOD), levadas a cabo pela Orquestra do Norte. «O Segredo de Suzana», a ópera de Ermanno Wolf-Ferrari, terá encenação da italiana Eleonora Paterniti e contará com o soprano Ana Maria Pinto, o barítono Job Tomé e o actor Rui dos Santos. O maestro grego Byron Fidetzis será o responsável pela direcção musical. No dia 24, pelas 21h30, as NOD chegam ao Museu do Côa, Vila Nova de Foz Côa, para a apresentação de «Scheherazade, as mil e uma noites». Um concerto onde serão apresentadas as inspirações de Ravel e Rimsky-Korsakov. O

soprano Cláudia Pereira Pinto, a bailarina Mariana Morgado e o maestro José Ferreira Lobo farão os presentes viajar pelos mundos fantásticos desta colecção de histórias árabes, indianas e persas. Já a 25 de Agosto, às 21h30, será a Praça das Eiras, em Macedo de Cavaleiros, a acolher «Música de Uma Noite de Verão», com o soprano Ana Barros, o violinista Rómulo Assis, e o maestro José Ferreira Lobo, na direcção. Baião (Praça do Município) e Valpaços (Praça da República) acolhem o regresso de «Se Beethoven fosse português... escreveria fandangos» nos dias 26 (22 horas) e 28 (21h30), respectivamente. Com apresentação de Jorge Rodrigues e direcção de José Ferreira Lobo.

Cinema na biblioteca

A terceira temporada de Invicta Filmes prossegue com o Ciclo Errol Flynn e na quinta-feira (16 de Agosto) passa «Gavião dos mares» («The Sea Hawk»), que Michael Curtiz realizou em 1940. Na semana seguinte, a 22, chega um filme de 1941, de Raoul Walsh, «Todos morreram calçados» («They Died with Their Boots On»). «Feridas de guerra» («Dive Bomber»), de Michael Curtiz, de 1941, é exibido no dia 28 de Agosto. «Isabel de Inglaterra» («The Private Lives of Elizabeth and Essex»), de Michael Curtiz (1939) inicia o Ciclo Bette Davis/Joan Crawford. É no dia 29 e tem apresentação de Lauro António. A temporada de cinema com entrada livre decorre até Dezembro, tendo a última sessão marcada para o dia 5 com a exibição do filme de 1946 «À beira do abismo» («The Big Sleep», no original), de Howard Hawks. Invicta Filmes decorre no Auditório da Biblioteca Municipal Almeida Garrett, no Porto, e é uma organização da autarquia, com direcção do realizador e crítico de cinema Lauro António. Invicta Filmes é uma iniciativa que pretende oferecer ao público a oportunidade de ver, ou rever, alguns grandes clássicos da história do cinema.

A desordem no Casino

«A Curva da Felicidade», com os actores João de Carvalho, Luis Aleluia, Luis Mascarenhas e Victor Espadinha, está em representação no Auditório do Casino Estoril até ao dia 1 de Setembro, de quinta-feira a sábado, a partir das 22 horas. Recorde-se que Victor Espadinha celebra, precisamente este mês, 50 anos de carreira. Num registo de bom humor, a peça promete divertir os espectadores pela confusão generalizada: quatro homens tentam resistir à crise da meia-idade, procurando, desesperadamente, um apartamento para viverem. São quatro 'solteirões' que, apesar de não terem companhia, também, não conseguem estar sozinhos.

«Stand-Up Comedy»

As noites de sexta-feira e sábado no Casino de Lisboa continuam a ser dedicadas a espectáculos de «Stand-Up Comedy». As próximas actuações, 17e 18, serão da responsabilidade de Eduardo Madeira e Francisco Menezes, respectivamente. Aldo Lima ocupará o palco do Arena Lounge no dia 24 e Eduardo Madeira no dia seguinte. A 31 regressa Francisco Menezes e Aldo Lima encerra o ciclo, no dia 1 de Setembro. As noites do Casino Lisboa acolhem ainda um renovado ciclo de espectáculos de «Dream Bodies», até 2 de Setembro.

Viagens de comboio com música

Numa iniciativa conjunta com a CP - Comboios de Portugal, a Capital Europeia da Cultura convida os passageiros dos comboios urbanos e intercity - entre Lisboa e Guimarães - a usufruir de uma acção musical espontânea. A iniciativa, desenvolvida no âmbito da Capital Europeia da Cultura, assenta num conceito simples: a música entra no quotidiano, directo e lúdico. A música e a animação surgem assim para integrar e dinamizar contextos quotidianos menos previsíveis e refrescar esses contextos, criando momentos que contribuam para uma vivência renovada. Para quem está a caminho de Guimarães, esta iniciativa antecipa o ambiente de festa e diversidade cultural vivido na cidade. Às sextas.

Música de câmara

O programa de concertos de música de câmara que durante Agosto está a ser oferecido pela Guimarães 2012 prossegue no dia 17 de Agosto com Avondano Ensemble, que exalta a música de câmara do profícuo período de meados do século XVIII, e Divino Sospiro, no dia 18, sugerindo um percurso pelas relações estéticas entre Portugal e Itália no século XVIII. O recital de piano de Artur Pizarro - a 22 de Agosto - e o concerto do Quarteto de Cordas de Matosinhos, a 25, são igualmente eventos a não perder. À excepção do concerto do dia 22 - que terá lugar no Centro Cultural Vila Flor, às 22 horas -, todos os outros se realizam no Paço dos Duques de Bragança, às 21h30.

Conferência de Geoparques

Mais de 30 países, dos cinco continentes, estarão presentes na 11.ª Conferência Europeia de Geoparques, de 19 a 21 de Setembro. Neste período, o Arouca Geopark será o centro mundial do debate em torno dos territórios Geoparques, com vista a um crescimento inteligente, inclusivo e sustentável, partilhando os objectivos da «Estratégia Europa 2020». Conhecimento e inovação, o incremento de uma economia sustentável, do emprego e da inclusão social serão as temáticas em foco, num evento que deverá acolher cerca de 300 conferencistas. As inscrições terminam a 31 de Agosto. Envolver a comunidade educativa e toda a comunidade local nas sessões da conferência, nas exposições e na animação cultural, é um dos objectivos da organização, com vista a promover o contacto e a troca de experiências com os conferencistas.

Três artes em três línguas

O livro «Voar» é um projecto artístico inovador que resultou da parceria de uma escultora, Maria Leal da Costa, um poeta, Nuno Guimarães, e um fotógrafo, João Frazão. O projecto resulta de um encontro entre a escultora e o poeta em Vilnius, aquando da apresentação da exposição «Voar», constituída por várias esculturas de Maria Leal da Costa, representando magnificamente asas, em imensas posições e estados. Logo ali nasceu a ideia de ser criada uma colecção de poemas inspirados na mostra. Mais tarde foi convidado o fotógrafo João Frazão para também fazer a sua interpretação das várias peças e que de imediato decidiu contar uma história através

das imagens que ia captando. No fundo - como diz João Frazão - «Em Busca do Tempo Perdido», tentando decifrar e ordenar o caos do mundo, descobrir o 'plano divino' em todas as coisas, estas imagens centram-se humildemente nessa fascinante busca". E assim nasce a obra, três artes em três línguas, o Português, o Lituano e o Inglês, uma aposta decidida na internacionalização, apoiada pelo editor (Orfeu - Livraria Portuguesa, em Bruxelas), com traduções de Giedrė Šadeikaitė (Português-Lituano) e Maria Helena Marques (Português-Inglês) e com apresentações planeadas para várias cidades portuguesas e estrangeiras. A primeira teve lugar em Lisboa.



16 anos de Bibliotecas de Praia

As Bibliotecas de Praia de Esposende assinalam, este ano, 16 anos de funcionamento ao serviço da leitura. Até ao dia 3 de Setembro, as quatro que actualmente fazem parte do projecto que em 2008 foi financiado pela Comunidade Europeia estão nas praias de Cepães, Suave Mar, Ofir e Apúlia. O projecto traduz-se na disponibilização de livros de diferentes géneros, do romance à prosa, passando pela poesia, sem esquecer a literatura infanto-juvenil, bem como os periódicos de informação e actualidade, desde o jornal diário ao semanário, até às revistas de carácter generalista a outras mais especializadas. A leitura pode ser na esplanada, montada especialmente para essa finalidade, perto do mar, na praia ou em casa. As Bibliotecas de Praia prestam ainda informação turística sobre o concelho ou agilizam o contacto com o Serviço de Turismo da autarquia.

«Piton» vence nos EUA

O documentário «Piton» - realizado por André Guiomar, aluno do Mestrado de Som e Imagem da Escola das Artes da Universidade Católica Porto - foi a curta-metragem vencedora da segunda edição do NY Portuguese Film Festival 2012. Trata-se de um festival de curtas-metragens portuguesas nos Estados Unidos, promovido anualmente pelo Arte Institute. Com passagem obrigatória por Nova Iorque, Lisboa e Porto, a iniciativa pretende divulgar o cinema feito pela nova geração de realizadores nacionais. Ao longo de 20 minutos, a curta-metragem a preto e branco retrata a vida de Juliana Rocha, uma pugilista conhecida como Piton, apresentando a perspectiva feminina de um desporto tão violento. Recorde-se que «Piton» já tinha sido galardoado em 2011, no Festival Audiovisual Black & White, promovido pela Católica Porto.

Balletteatro fora de portas

Entre 16 e 21 de Agosto, o Balletteatro Internacional está no Rio de Janeiro, Brasil, na residência internacional de Verão no âmbito do projecto RÉPERAGES, organização Danse à Lille. A principal característica desta residência é o lugar de encontro para a experimentação e partilha de diversos processos criativos. Na residência participam os coreógrafos da última edição realizada em Março de 2012 em Lille. Isabel Barros é a conselheira artística do projecto e os coreógrafos participantes da edição de 2012 são Joana Castro e Flávio Rodrigues, João Costa da edição 2009. Entretanto, estão abertas as inscrições do Balletteatro serviço educativo para o ano lectivo 2012/2013. O balletteatro serviço educativo foi concebido como um lugar para aprender, aprofundar ou simplesmente experimentar, oferecendo uma formação regular para crianças e adultos nas áreas da dança, teatro, performance, artes visuais e música.

Dia Mundial da Fotografia

O Dia Mundial da Fotografia comemora-se a 19 de Agosto. A celebração da data tem origem na invenção do daguerreótipo, um processo fotográfico desenvolvido por Louis Daguerre em 1837. Para comemorar a data, o Olhares - Fotografia Online tem programadas diversas actividades não só para o dia 19, mas também para todo o fim-de-semana. Assim, este ano é Sesimbra a acolher o evento e durante dois dias, 18 e 19. Diversos workshops e uma maratona fotográfica são as propostas deste ano. (Para participar nas actividades, é necessária inscrição prévia)

No Porto, o Instituto Português de Fotografia (IPF), o Centro Português de Fotografia (CPF) e o projecto Entre Margens assinalam em conjunto a efeméride, tendo desenvolvido uma programação conjunta de três dias. No dia 17 de Agosto, um concerto dos The Soaked Lamb, às 22 horas, abre a exposição do Projecto Entre Margens, na Praça D. João I, e inicia as actividades que culminam

no dia 19. Seguem-se muitas acções que contam com a presença dos fotógrafos António Pedrosa, vencedor do prémio Estação Imagem 2012, e Brutus Ostling, especializado em vida selvagem, que vem ao nosso evento na qualidade de Embaixador Canon. Para além da música, haverá uma oficina de construção de caixas de ilusão óptica, no CPF, gratuito, mas sujeito a inscrição; o Plano B terá a Noite da Fotografia, no dia 18, a partir das 23h30. Na madrugada de 18 para 19, o IPF oferece um workshop temático dedicado às técnicas e curiosidades relacionadas com o registo dos primeiros raios solares. Ainda no IPF proporciona, no dia 19, entre as 10 e as 14 horas, o conhecimento das histórias e particularidades de uma área que tem atraído cada vez mais a atenção de todos, a fotografia documental, numa workshop, orientado por António Pedrosa, vencedor do grande prémio Estação Imagem 2012. Mas há outras actividades previstas para os três dias.

Seminário internacional

A Câmara Municipal de Santo Tirso tem liderado um processo de regeneração, aproveitando os instrumentos de política urbana, disponíveis para a concretização de alguns projectos estruturantes e indutores de transformação e qualificação territorial. Um dos projectos âncora é a construção de um Quarteirão Cultural, na Fábrica de Santo Thyrsó, antiga fábrica têxtil. O Seminário internacional, em Outubro, de 25 a 27, que integra o lançamento da Incubadora de Moda e Design, será o primeiro acto público deste projecto e irá realizar-se na Nave Cultural. Estão abertas as inscrições para assistir ao evento.

Três anos de Sea Life

O Verão de 2012 é o período que assinala o terceiro aniversário do Sea Life Porto. Para comemorar a data, o espaço de lazer apresenta novos habitantes: dois caimões que ocupam um tanque feito propositadamente para ambos, tendo em conta todas as suas necessidades e recriando o seu habitat natural.

Ler ao Ar Livre em Gondomar

A «Biblioteca ao Ar Livre», desenvolvido pela equipa da Biblioteca Municipal de Gondomar, sai de novo à rua em Setembro, entre os dias 10 e 21, no Areal de Melres (junto à Quinta da Bandeirinha). O projecto pretende, primordialmente, facilitar o acesso ao livro e à leitura. Mas é também objectivo da iniciativa implementar novos serviços em espaços informais - de modo a facilitar o acesso à leitura de livros ou empréstimo de jornais e revistas, contribuindo, assim para o desenvolvimento de hábitos de leitura (também) durante as férias de Verão. A iniciativa é promovida pelo Pelouro da Cultura da Câmara Municipal de Gondomar.

Cultura Judaica na Guarda

A cidade da Guarda acolhe o 2.º Ciclo de Cultura Judaica entre 19 e 20 de Setembro. Para o primeiro dia destacam-se as visitas guiadas ao Museu Judaico e à Sinagoga de Belmonte, bem como animação de rua e o espectáculo de música sefardita. No dia 20 decorre o Seminário «Património e Cultura Judaica, Potencialidades e Formas de Divulgação», no Auditório do Paço da Cultura. No painel I discute-se «Turismo, Espaços e Equipamentos Museológicos» e no painel II falar-se-á de «Recursos Endógenos - Potencialidades e Formas de Valorização». As inscrições são obrigatórias até 10 de Setembro (www.guardaconvida.pt).

Artesanato em Famalicão

Mais de uma centena de artesãos de todo o país e cerca de uma dezena de restaurantes representativos dos melhores sabores nacionais são a grande atracção da Feira de Artesanato e Gastronomia de Vila Nova de Famalicão, entre 31 de Agosto e 9 de Setembro. «É o melhor de Portugal em Famalicão». É assim que o presidente da Câmara Municipal, Arminho Costa, define o evento que conta com dez dias de festa animada com muita música popular, folclore e outros atractivos.

«Animar as Praias»

A edição deste ano do programa «Animar as Praias» de Ovar conta com programas de fitness, vela, yoga, danças de salão, construções na areia, várias actuações musicais, festivais de folclore e de gastronomia, para além das Festas do Mar de Esmoriz, Cortegaça e Furadouro. Por exemplo, no dia 18 de Agosto, a Praia do Furadouro (Ovar) acolhe a 55.ª edição de «Construções na areia», a partir das 10 horas, e às 22 horas há música na Praia de Cortegaça pela Banda Boa União. As Festas do Mar em Honra da N. Sr.ª dos Aflitos e N. Sr.ª da Boa Viagem chegam à Praia de Esmoriz entre 23 e 27. O projecto é promovido pela Câmara Municipal de Ovar, nos meses de Agosto e Setembro.

Aprender canto

Estão abertas as inscrições para o Laboratório de Iniciação ao Canto, que decorre entre 20 de Setembro e 13 de Dezembro, num total de 36 horas, em 13 sessões. São aceites inscrições até uma semana antes do início do laboratório, que tem lugar na sala de ensaios do Teatro do Campo Alegre, Porto, e é uma produção da Fundação Ciência e Desenvolvimento. Do trabalho desenvolvido durante as sessões orientadas por Ana Celeste Ferreira resultará uma apresentação final aberta ao público.

Autor de «Sombra o cão polar»

Gil Rocha na primeira pessoa

Considero-me mais do que um ser, um produto, fruto de vários lugares, pessoas, amigos, sensações e emoções. Livre, leve, um pouco desenhado até, levitante sob o solo abaixo do meu espectro...

Esta bem que poderia ser a mais adequada definição da minha pessoa, em parte, justificada pelo meu percurso de vida, o qual sintetizo neste breve texto. Sou natural de Alvalade, Lisboa, cidade que me acolheu e embalou no meu primeiro sono na noite de 5 de Abril de 1982, foi também o lugar onde cresci, fiz amigos (muito amigos!) e onde iniciei os meus estudos primários.

Lisboa era, nessa altura, uma terra de oportunidades, uma terra aberta a todos, uma porta receptiva ao mundo, como que de uma lusitana New York se tratasse. Numa primeira instância, serviu-me para me confrontar com o que de melhor existe dos efeitos da globalização, era um mundo em que tinha o privilégio de também poder fazer parte. O meu primeiro dilema ocorre 10 anos depois do meu nascimento, num verão, em que a minha família decide regressar às suas origens. Abandonamos definitivamente a capital e rumamos a norte, para viver nas frias terras do Minho.

Tínhamos uma casa de campo muito simpática situada no sopé da Serra da Cabreira, uma irmã mais baixa do Gerês. Era uma casa em pedra, oferecida pelo meu avô paterno e reconstruída pelos meus pais, à distância, ainda em Lisboa. Foi aí que passámos o primeiro Verão, quando me redescobri. Viver no campo era mesmo interessante, o contacto estreito com a mãe natureza era fabuloso, algo nunca sentido nas florestas de betão que encontramos nas cidades, jamais me esquecerei das corridas a cavalo 'em pêlo' (sem sela), nos amistosos cavalos garranos, típicos dessa região, o sabor agridoce de pretas amoras silvestres que nasciam por toda a parte (e, por sinal, ninguém colhia...), leituras simples sentado ou deitado em campos verdejantes, mergulhos refrescantes nas lagoas, brincadeiras com pequenos animais de quinta como patinhos amarelos, que pedia à minha mãe para comprar, sempre que os via nos mercados.

Ao fim do Verão instalámo-nos em Braga, cidade onde residi e vivi a minha adolescência. Inicialmente, estranhei muito esta nova cidade, esperava algo mais. Aos meus olhos não passava de uma grande 'vila', não muito diferente de Vieira do Minho, em parte porque a sociedade



da altura estava ainda muito presa a dogmas, era toda ela muito homogeneizada, com estilos de vida muito semelhantes, faltavam também motivos de animação, como teatro e exposições. Com o tempo percebi como me adaptar e brevemente encontrei, no Colégio Teresiano, uma segunda família.

O Turismo Rural surge nas nossas vidas de forma algo inesperada. É também uma velha história já com quase 20 anos. Com a nossa permanência em Braga, a casa de campo acabava por ficar disponível durante toda a semana e a mãe teve a feliz ideia de partilhá-la com o mundo. Ainda me lembro dos nossos primeiros turistas, não me lembro dos nomes, confesso, eram seguramente muito agradáveis. Percebi que o mundo não me tinha deixado completamente isolado, pessoas de toda a parte vinham visitar-me com belas histórias de vida.

Mais tarde iniciei a licenciatura de Filosofia e Desenvolvimento da Empresa, um curso naquela altura pioneiro por combinar todos os conhecimentos macro ou microeconómicos, com uma vertente humanista muito patente em todos os anos da formação.

Actualmente, dedico ainda parte do meu tempo ao Turismo Rural, agora com três novos empreendimentos da família, também no território do concelho de Vieira do Minho. Nos meus tempos livres opto por viajar, principalmente para cida-

des europeias, e gosto muito de ler e caminhar em zonas verdes (algo que nunca me cansou).

Relativamente a esta obra literária - «Sombra o cão polar» -, encontramos na fase de promoção, pelo que ainda me esperam várias apresentações em várias cidades do país, principalmente em escolas, colégios ou outras instituições, como bibliotecas. Está a ser uma experiência fantástica, dá-me imenso prazer partilhar esta minha preocupação que a todos envolve.

Este livro foi escrito no quente Verão de 2009, sob a influência do ano polar internacional, um evento que se realizou dois anos antes da sua concepção. A preocupação prende-se no aquecimento global, esse fenómeno que ameaça derreter, fundir Polo Norte e Polo Sul nos oceanos, provocando uma subida generalizada do nível do mar.

Faço deste trabalho o meu manifesto, pois não considero perder a harmonia que se encontra ainda no nosso planeta, não admito, nem quero contribuir, em criar um novo mundo, triste, vazio

e sem esperança, deixando-o, de herança às gerações vindouras, pessoas que, como nós, merecem saber qual a sensação de um floco de neve a cair sob a face ou conhecer os icebergues tocando-lhes, e não obterem esta informação apenas em páginas, como de igual forma vemos ilustrações do pássaro Dodó extinto ou ainda fotografias de George, a emblemática tartaruga terrestre das Galápagos, única embaixadora da sua espécie, que sucumbiu no passado mês [Junho].

Se a preocupação ambiental é um objecto, os valores morais também não são esquecidos.

Sombra é um pequeno cachorro, filho de uma família de cães de trenó, nascido no círculo polar ártico, diferente dos seus congéneres. Nos seus pequenos olhos azuis reinam mundos diferentes, o seu olhar não fica pelas barreiras físicas, transcende oceanos, montanhas, o horizonte. A reviravolta ocorre numa breve manhã de grandes brincadeiras com os restantes irmãos, de tão distraído e contagiado pela euforia, o pequeno cão, escorrega do cimo de um glaciar, e inicia uma odisseia, a verdadeira viagem da sua vida, náutico de um icebergue, pelo caminho, encontra novos personagens e com eles novos desafios...

Existem já mais dois projectos literários, que ainda não posso muito adiantar, a vontade de escrever para o público infantil e juvenil continua.



Memória em aberto

“A memória da Guerra Colonial, como a dos períodos que cingem o percurso da humanidade a lugares de dor e transposição, não está encerrada. Nem, dir-se-á, estabelecida, enquanto historiografia, testemunho, elaboração literária por forma a prescindir dos documentos e contributos que dimanam de quem a viveu ou investigou. Cinquenta anos após a eclosão dos movimentos emancipalistas e da luta armada pela independência das ex-colónias portuguesas, houve no país ciclos de debates, publicações, iniciativas, que, não obstante insuficiências, bem comprovam a premência de um tema que permanece cicatriz e ferida, ainda erizado de interditos, malquerenças, incompreensões, a desafiar o futuro.

«Moçambicana», de Agostinho Fernandes, insere-se neste contexto de feição muito peculiar, assumindo a experiência concreta e, a partir dela, uma meditação que transcende a circunstância pessoal para relevar feitos e fracassos de um povo ao longo de séculos. Revisitando acontecimentos, medos, fascínios, interrogações, exprime a notação do quotidiano na frente de combate e as vozes do pretérito que o percutem, nos diferentes planos cognitivos, morais e estéticos”. Assim se lê nas primeiras páginas de «Moçambicana - Memória Contra a Guerra Colonial 1964-1968», que José Manuel Mendes escreveu sob o título Premência e Revelação. Agostinho Fernandes, ex-presidente da Câmara de Famalicão entre 1983 e 2001, é sócio de inúmeras associações cívicas, culturais e de solidariedade social.



Colectânea de celebração

«Homenagem à Música», de Vasconcellos Sobral, “é uma colectânea que celebra, com poemas em versos livres e medidos, os grandes autores musicais dos períodos barroco, clássico, romântico e moderno, e também presta homenagem a alguns amigos seus, poetas, músicos e compositores”, assinala o também poeta João Carlos Taveira. E o poeta brasileiro continua sobre o livro editado pela Junta de Freguesia de Monte Abraão, de Queluz, e com Posfácio de Bruno Ribeiro Tavares: “Em cada poema escrito, uma sutileza, uma nuance, uma filigrana. As peças musicais em que são inspiradas as criações literárias são únicas porque fazem parte do gosto pessoal do autor e universais porque nos tocam sempre de maneira diferente e nos induzem a reavaliar imediatamente - em novas audições - o sentido da obra conhecida e talvez pouco ouvida ou mal ouvida. A lição do poeta é assaz extraordinária! Por seu lado, Anderson Braga Horta, também poeta brasileiro, enaltece “a musicalidade dos versos, a diafanidade das imagens”, adiantando que “tudo nesses poemas se casa à música - esplendorosa deidade - que magnificamente homenageiam. Impresões de viés simbolista, são afinal, a seu modo, música”. Vasconcellos Sobral publica desde 1963 e já tem uma considerável obra editada na poesia.



Poesia que flui e passa

Na apresentação do livro, o professor universitário, poeta e ensaísta José Ribeiro Ferreira explicou que «Marginalidades e alguns poemas de amor», de Joaquim Manuel Pinto Serra, “é constituído por seis conjuntos de sete poemas cada um - conjuntos esses que apresentam títulos em dísticos começados com a preposição de, à maneira dos antigos autores clássicos, além de terem as segundas linhas ou versos mais longos. Trata-se de um livro que vive da nostalgia de um amor que é ausência e que a memória revive e desfia - memória que tanto relevo tinha entre os antigos Gregos, a ponto de considerarem ter sido da união de Mnemósine (a Memória) com Zeus, o próprio pai dos homens e dos deuses, que nasceram as Musas, ou seja, a poesia. E a sublinhar essa sensação de perda e de vazio, na colectânea, são frequentes termos como memória, solidão, ausência, espera, saudade”. José Ribeiro Ferreira assinala ainda que “se o livro se impõe por certas características formais, deixa ainda mais a sensação geral de transitoriedade, de fragilidade, de precariedade. Tudo flui e passa. E tal nos aparece em poemas, como o 2 da secção 1 (pág. 18), uma composição bem conseguida, cuja conclusão pela palavra vento, em estrofe isolada, é feliz e deixa a mensagem em suspenso, como que a pairar”. Joaquim Manuel Pinto Serra, natural de Loulé (Algarve), reside em Coimbra, cidade onde se especializou em Psiquiatria, depois de se ter licenciado em Medicina. «Marginalidades e alguns poemas de amor» foi a sua décima primeira obra literária publicada.

TRAÇODEHUMOR



Devagar se vai longe.

Comece a poupar desde € 25/mês.

Com o BPI poupar é mais fácil.

A partir de € 25 por mês, crie o seu plano de poupança e escolha com total flexibilidade o montante, o prazo e o produto mais indicado para si. As condições do seu plano podem ser alteradas sempre que quiser.

Poupe, pouco a pouco, e verá como devagar se vai longe. Faça uma simulação em www.bancobpi.pt e veja as vantagens de poupar gradualmente.

Toda a informação nos Balcões e Centros de Investimento BPI, www.bancobpi.pt e 800 22 10 22 (linha grátis com atendimento personalizado, das 7h às 24h).

